

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**FERNANDA PAIVA PEREIRA DE FARIA**

**ATIVISMO POLÍTICO NAS REDES SOCIAIS: O INSTAGRAM COMO  
UMA FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO**

**VOLTA REDONDA**

**2019**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**  
**PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ATIVISMO POLÍTICO NAS REDES SOCIAIS: O INSTAGRAM  
COMO UMA FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO  
PÚBLICO**

Monografia apresentada ao Curso  
de Jornalismo do UniFOA como  
requisito à obtenção do título de  
bacharel em jornalismo

Aluna: Fernanda Paiva Pereira de  
Faria

Orientador:

Prof. Dr.: Rogério Martins de Souza

**VOLTA REDONDA**

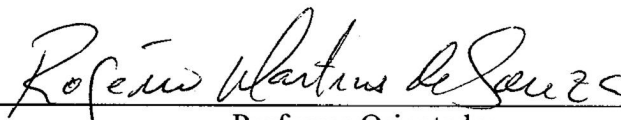
**2019**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ATIVISMO POLÍTICO NAS REDES SOCIAIS: O INSTAGRAM COMO UMA FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO elaborado por Fernanda Paiva Pereira de Faria apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

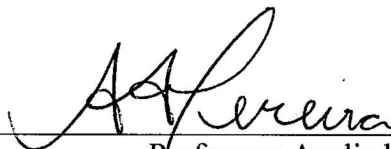
Aprovado em 01 de novembro de 2019.

Banca Avaliadora:



Professor Orientador

Rogério Martins de Souza, Doutor – UniFOA



Professora Avaliadora

Aline Andrade Pereira, Doutora - UniFOA



Professora Avaliadora

Stella Arantes Aragão, Mestre - UniFOA

*Marielle, presente!*

Quando iniciei esse trabalho, pretendia abordar o feminismo de uma maneira ampla, dando publicidade para as suas pautas como um todo, com o objetivo de colaborar com a luta do movimento. Eu acreditava que isso transformaria meu trabalho em militância e que seria revolucionário dentro da minha bolha. Porém, durante a elaboração desta pesquisa, a minha bolha estourou. Após aprofundar o meu contato com o feminismo negro, percebi que revolução é ser mulher negra no país racista em que vivemos. Revolta é contrariar o sistema e ocupar cargos de alta hierarquia, que ainda são monopolizados por brancos. Militância é lutar diariamente por sobrevivência. Por isso, dedico meu trabalho a todas as mulheres negras que sofrem na pele a nossa omissão de anos. Toda reparação é pouco perto do que foi a escravidão. Deixo aqui, o meu respeito, e singelo apoio, à luta do feminismo negro.

Agradeço aos meus pais, por acreditarem no meu sonho, me apoiando nessa jornada acadêmica pelo jornalismo e me incentivando a seguir sempre em frente, independente do obstáculo. Aos amigos que fiz no UniFOA e que dividiram comigo os momentos felizes, conhecimentos, trabalhos, ansiedades e dúvidas ao longo da faculdade. E por fim, ao meu orientador, por todo apoio, paciência e suporte que me foram dados desde a elaboração de artigos acadêmicos até a conclusão desta monografia. Muito Obrigada!

## RESUMO

A evolução da internet, em conjunto com a evolução das tecnologias móveis, foram fatores que promoveram uma grande alteração no modo como a comunicação é feita. Os internautas passaram a utilizar as ferramentas disponíveis nas redes sociais digitais para realizar produções de conteúdo de maneira autônoma. Por meio desta produção disponibilizada digitalmente, torna-se possível apresentar a realidade da qual são testemunhas, dissertando sobre temas identitários, tal como especialistas. Essa produção de conteúdo passou a ser compreendida como uma forma de *ciberativismo*, constituindo-se como uma maneira de dar publicidade às lutas sociais. Entre os temas existentes atualmente, este trabalho buscou compreender o *feminismo*, por meio de uma análise da produção de conteúdo realizada pelas ativistas Jéssica Miranda, Triscila Oliveira e Dara Medeiros, através da ferramenta *stories*, no aplicativo Instagram. O principal objetivo foi verificar de que maneira essa nova forma de produção de conteúdo pode concorrer com o trabalho realizado pelo jornalista. Foram coletados dados referentes aos discursos realizados entre dezembro de 2017 e outubro de 2019, e posteriormente realizada uma análise qualitativa. Ao final, a pesquisa indicou a importância da produção de conteúdo por atores sociais, uma vez que este pode atuar de maneira complementar ao trabalho realizado pelo jornalismo, principalmente no que diz respeito ao real empoderamento da mulher e à publicidade das pautas feministas.

**Palavras-chave:** Feminismo; Webjornalismo; Lutas Identitárias; Internet; Redes Sociais

## **ABSTRACT**

The evolution of the internet with the evolution of mobile technologies, were factors that promoted a major change in the way communication is made. Internet users began to use the tools available in digital social networks to create content productions autonomously. Through this digitally available production, it becomes possible to present the reality of which they are witnesses, dissenting on identity themes such as specialists. This content production came to be understood as a form of cyberactivism, constituting itself as a way of publicizing social struggles. Among the existing themes, this work sought to understand feminism through an analysis of content production by activists Jéssica Miranda, Trícila Oliveira and Dara Medeiros through the stories tool on Instagram. The main objective was to understand how this new form of content production can compete with the work done by the journalist. Data were collected referring to the speeches made between December 2017 and October 2019, and subsequently performed a qualitative analysis. In the end, the research indicated the importance of content production by social actors, since it can act in a complementary way to the work done by journalism, especially with regard to the real empowerment of women and the publicity of feminist agendas.

**Keywords: Feminism; Webjournalism; Identity Struggles; Internet; Social Media**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. A EVOLUÇÃO DA INTERNET .....	16
2.1) Da web 1.0 à web 2.0.....	16
2.2) A linguagem hipermidiática da internet .....	19
2.3) As fases do webjornalismo.....	23
2.4) As redes sociais e o webjornalismo .....	24
3. CIBERATIVISMO E LUTAS IDENTITÁRIAS.....	29
3.1) Cultura da convergência .....	29
3.2) Web-atores.....	31
3.3) Ciberativismo e sua manifestação ao redor do mundo .....	34
4. WEB-ATORES E O ATIVISMO FEMINISTA NO INSTAGRAM .....	41
4.1) As demandas identitárias nas redes sociais .....	41
4.2) O feminismo: breve contextualização.....	44
4.3) Análise de web-atores e sua atuação no Instagram.....	47
5. CONCLUSÃO.....	62
6. REFERÊNCIAS.....	65

## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1. ....	69
Apêndice 2. ....	77
Apêndice 3. ....	94

## LISTA DE ANEXOS

Anexo 1.....	108
Anexo 2.....	109

## 1. INTRODUÇÃO

A comunicação é elemento essencial para regulação da vida em sociedade e para a manutenção da democracia, afinal é dever de todo cidadão acompanhar notícias e manter-se bem informado. O jornalismo impresso exerceu por muito tempo, o papel de protagonista no que concerne à distribuição de notícias. Entretanto, essa dinâmica sofreu alterações com a popularização da Internet.

O advento da *Word Wide Web*, criada pelo cientista inglês Tim Berners-Lee, há 30 anos, foi responsável por transformar a internet na interface que conhecemos hoje. A partir deste feito, tornou-se possível o acesso a informações organizadas em *websites*, através de navegadores virtuais. Deste modo, as páginas passaram a conter imagens, *hiperlinks*, vídeos, entre outros itens que possibilitam interação entre leitor e notícia.

Além disso, o desenvolvimento das ferramentas de comunicação e aprimoramento das redes *wireless* (3G e 4G) ampliou o número de pessoas conectadas entre si, o que também contribui diretamente para o crescimento exponencial do volume de informações disponíveis na rede.

Nesse contexto, os debates que eram realizados na esfera pública - espaço compreendido por Habermas (1964), como um espaço abstrato, voltado para deliberação de assuntos com interesse público, exposição e debate de ideias -, também passaram a ocupar espaço nas redes digitais. Pode-se compreender que a discussão de temas de interesse público na internet permeia a ideia original de Esfera Pública desenvolvida por Habermas, nos levando à ideia de Esfera Pública digital.

Para Martino (2015), o ciberespaço possui uma dimensão pública, onde a postagem em redes sociais, blogs e afins, torna público determinado conteúdo, por meio de sua exposição em um site ou rede social. Deste modo, a internet se destaca como um novo espaço público digital, onde os indivíduos interagem por meio da produção autônoma de conteúdo, abrindo espaço para a discussão de diversos assuntos, entre eles, temas de interesse público.

Portanto, a internet alterou o modo de fazer comunicação e provocou grande impacto no jornalismo. Antes o jornalista era o único profissional responsável pela produção de notícias, fatos e histórias. Com o advento da internet, todo usuário conectado à rede passou a ser um possível produtor de notícias. Segundo Manuel Castells, este fenômeno pode ser conceituado como autocomunicação (CASTELLS, apud BOSCO, 2015).

Nesse contexto, as redes sociais são um grande atrativo para a produção autônoma de conteúdo e é a sua arquitetura da informação que deverá ditar o modo como o conteúdo deve ser produzido. Segundo Recuero (2014), redes sociais são plataformas de conversação e interação, onde os usuários criam perfis individualizados que funcionam como representações de si. Ressalta-se ainda, que as redes sociais estão em constante evolução e que novos recursos são disponibilizados com frequência. O objetivo é aprimorar a experiência *online* do usuário. Como exemplo está o caso do Instagram, rede social que pertence ao grupo Facebook Inc.

Criado em 2010, inicialmente o objetivo do Instagram era permitir o compartilhamento de fotos e vídeos. Porém, sua arquitetura evoluiu com o passar do tempo. Atualmente, o aplicativo conta com outras funções, tais como vídeos no IGTV<sup>1</sup> e nos *Stories*<sup>2</sup>. A ferramenta *story* rapidamente tornou-se popular, sendo amplamente utilizada por ativistas sociais, celebridades, políticos, entre outros profissionais, uma vez que permite um novo tipo de aproximação com o público.

Deste modo, nota-se que pessoas de diversos segmentos passaram a disponibilizar conteúdo no Instagram de maneira independente, sem interferência do jornalismo tradicional. No que diz respeito ao ativismo político, as redes sociais podem configurar como fontes de informações personalizadas. Por exemplo, no Instagram é possível encontrar perfis de ativistas, sejam eles de direita, esquerda, feministas, negros, ambientalistas, entre muitos outros.

---

<sup>1</sup> Criada em 2018, trata-se de uma plataforma de vídeos disponível no Instagram, por meio da qual é possível gravar e disponibilizar vídeos com até uma hora de duração.

<sup>2</sup> Ferramenta criada em 2016, por meio da qual é possível gravar vídeos com até 15 segundos de duração, os quais ficam disponíveis no perfil do Instagram por apenas 24h. Entretanto, o aplicativo possui uma ferramenta de "destaque", através da qual é possível salvar os *stories* e deixá-los disponíveis ao público no perfil

Nesta pesquisa vamos nomeá-los como os definiu Ignácio Ramonet: *web-atores* (RAMONET, 2012). Estes *web-atores* utilizam o espaço das redes sociais para expor suas ideias, realizar depoimentos, mostrar suas rotinas e dar dicas de leituras, levando sempre reflexões sobre lutas identitárias aos usuários, assunto que muitas vezes é deixado de lado pela mídia tradicional.

Esta pesquisa irá então questionar: teriam os *web-atores* passado a concorrer com jornalistas na tarefa de fomentar o debate de questões importantes junto à opinião pública?

O objetivo dessa pesquisa é promover uma análise qualitativa do discurso realizado pelas ativistas Jéssica Miranda (@petit\_oiseauu), Dara Medeiros (@mulheres.historicas) e Tríscila Oliveira (@afeme1), em seus respectivos perfis no Instagram. As três fazem uso frequente das ferramentas disponíveis na rede social para promover reflexões políticas e sociais, principalmente ligadas ao feminismo.

São levantados e problematizados diversos assuntos, tais como o patriarcado, o capitalismo, a esquerda, racismo, gênero, entre outras pautas. Com frequência são indicados livros, filmes e séries, para que seus seguidores possam aprofundar os assuntos debatidos.

De uma maneira geral, elas priorizam uma linguagem clara e acessível, permitindo que os seus seguidores entrem em contato com assuntos que, muitas vezes, ficam restritos ao campo acadêmico, área que, de uma maneira geral, ainda é muito elitizada no Brasil.

Ressalta-se ainda que em alguns momentos, os *web-atores* passam a pautar a grande mídia e vice-versa. Muitas vezes, eles utilizam matérias de veículos tradicionais para ilustrar suas falas, indicam leituras de reportagens e notícias. Em contrapartida, em outros momentos, a grande mídia utiliza o conteúdo produzido pelos *web-atores* como pauta em reportagens e entrevistas. Tal prática, inclusive, é frequente em programas de TV e rádio.

Entretanto, na prática, devido aos interesses comerciais provenientes dos lucros em publicidade, em alguns momentos o jornalismo deixa de pertencer ao jornalista, e passa a servir aos empresários que detém o

monopólio das empresas de comunicação, relativizando o papel social da profissão. Portanto, a produção de conteúdo realizada por web-atores pode constituir uma possível forma de preencher essa lacuna no jornalismo e dar voz às lutas identitárias.

O trabalho será dividido em três capítulos. O capítulo 1 apresentará uma breve evolução da Internet, bem como suas características e as fases. Será abordada ainda a maneira como o jornalismo se apropriou das redes sociais.

O capítulo 2 fará uma breve exposição sobre o ciberativismo, temática essencial para compreensão do tema deste trabalho. Neste ponto será explorado o conceito de cultura de convergência, o caso Primavera Árabe e as redes sociais como novos espaços digitalizados para o ativismo e para a divulgação de lutas identitárias.

Por fim, o capítulo 3 apresentará um estudo de caso do ativismo na Internet, abordando a análise dos perfis supramencionados, demonstrando de maneira específica, como elas se apropriam da ferramenta *stories* para discutir diversos assuntos com seus seguidores. Busca-se demonstrar de que maneira este ativismo pode contribuir para a popularização e compreensão do movimento feminista por toda a sociedade.

Espera-se, com esta pesquisa, buscar elementos para compreender o modo como ativistas estão se apropriando das redes sociais para se comunicar e produzir informações, bem como o impacto desses discursos na sociedade e no jornalismo da atualidade. Enfim: até que ponto a profissão, vista como dotada de um forte papel social e responsável pela circulação de informações relevantes na sociedade, se reconfigura para lidar com web-atores na segunda década do século XXI?

## 2. A EVOLUÇÃO DA INTERNET

Neste capítulo será apresentada uma breve evolução da Internet, passando da web 1.0 à web 2.0, bem como suas características. Entre elas será ressaltada a linguagem hipermidiática, elemento essencial para interações nas redes sociais. Serão apresentadas ainda as fases do webjornalismo, bem como a maneira através da qual o jornalismo se apropriou das redes sociais.

### 2.1) Da web 1.0 à web 2.0

Inicialmente, a internet foi desenvolvida no contexto de Guerra Fria, no final da década de 1960, quando era considerada uma tecnologia de uso exclusivo para militares e acadêmicos. Durante décadas ela seguiu como um segredo de estado. Aos poucos o sistema foi sendo transformado para uso comum, primeiramente para os ambientes acadêmicos. Apenas no começo dos anos 1990, surgiram condições para que a rede mundial de computadores se popularizasse entre o público em geral.

Em 1990, o físico inglês Tim Berners Lee desenvolveu, por meio da WWW, uma interface gráfica que permitia a troca de dados de maneira simples e facilitou o uso da internet pelas massas. A partir deste marco, a internet passou a se desenvolver de maneira acessível, e o seu crescimento tornou-se exponencial, conectando diversas localidades através da rede, tal como previa McLuhan e suas teorias. Para Castells (2003), a internet criou novas configurações territoriais:

A era da Internet foi aclamada como o fim da geografia. De fato, a internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam fluxos de informação gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significado e função para cada lugar. O espaço de fluxos resultante é uma nova forma de espaço, característico da Era da Informação, mas não é desprovida de lugar: conecta lugares por rede de computadores telecomunicadas e sistemas de transporte computadorizados. Redefine distâncias, mas não cancela a geografia." (CASTELLS, 2003, p.170).

Deste modo, conforme foi se desenvolvendo, a internet foi quebrando barreiras geográficas e tecnológicas. Ao analisar este desenvolvimento, bem como o aprimoramento dos mecanismos relacionadas ao mundo *online*, torna-

se possível distinguir as fases da web 1.0, web 2.0 e web 3.0, cada uma marcada pela evolução de suas tecnologias. A fase da web 3.0 vislumbra um uso cada vez mais inteligente dos dados disponibilizados na internet, sendo inclusive intitulada como web semântica<sup>3</sup>. Para fins de compreensão desta pesquisa, optou-se por realizar uma análise apenas das duas primeiras fases, web 1.0 e 2.0, conforme verifica-se a seguir.

A primeira fase da web, em meados de 1990, mais conhecida como web 1.0. Neste primeiro momento, não havia muita interatividade entre as empresas, responsáveis pelo conteúdo, e os usuários que, nesta fase, comportavam-se como espectadores passivos. O mais próximo de uma possível interação era a troca de e-mails e a pesquisa realizada em *sites* de buscas, os quais utilizavam mecanismos simples.

Inicialmente, a internet era disponibilizada por meio de uma conexão via telefone a um provedor, realizada através de um *modem*. Além de pagar uma taxa para essa operação, o usuário também pagava o preço equivalente ao de uma ligação telefônica para navegar na internet, o que limitava o tempo de uso, em razão do alto custo. Normalmente, os usuários optavam por utilizar os serviços de internet de madrugada, período em que a tarifa não era cobrada. Em 1996, começa a ser oferecido o modelo de conexão banda larga, por meio do qual o custo de navegação era pré-definido e cobrado mensalmente, este foi o primeiro passo para o início da popularização da internet no Brasil.

O advento da banda larga revolucionou o modo de usar a internet. A partir de então, tornou-se possível realizar *downloads* de vídeos, fotos, e navegar sem a preocupação de constantes quedas de conexão (comuns quando a conexão era por meio da linha telefônica). Atualmente, com o desenvolvimento e aprimoramento das redes *wireless* (3G, 4G, em breve 5G) e das tecnologias de comunicação, o número de pessoas conectadas entre si e o volume de informações passou a crescer de forma exponencial.

---

<sup>3</sup> GIL, Henrique Teixeira. "A passagem da Web 1.0 para a Web 2.0 e ... Web 3.0: Potenciais consequências para uma humanização em contexto educativo". Disponível em: <  
<https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2404/1/A%20passagem%20da%20Web%20Henrique.pdf>  
f > Acesso em: 26/10/2019

Esse crescente número de usuários conectados ao mundo online fez com que as empresas observassem as necessidades dos internautas, dando origem a uma nova fase, desta vez, marcada por grande interatividade. Então, a internet passa a ser vista como uma plataforma colaborativa, na qual quanto mais as pessoas utilizam os serviços, mais eles são aprimorados (O'REILLY, apud PRIMO, 2007). Nas palavras de O'Reilly (2005), a web 2.0 soube aproveitar o melhor da fase anterior, principalmente no que diz respeito à inteligência coletiva:

Hiperlinks são o fundamento da rede. À medida que os usuários adicionam conteúdo e sites novos, esses passam a integrar a estrutura da rede à medida que outros usuários descobrem o conteúdo e se conectam a ele. Do mesmo modo que se formam sinapses no cérebro – com as associações fortalecendo-se em função da repetição ou da intensidade – a rede de conexões cresce organicamente, como resultado da atividade coletiva de todos os usuários da rede (O'REILLY, 2005)

Segundo Primo (2007), esta fase é caracterizada por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, ampliando, por consequência, os espaços de interação. Ainda segundo os ensinamentos de Primo (2007), a web 2.0 é marcada pelo desenvolvimento tecnológico fruto de estratégias mercadológicas. A partir de então, ferramentas como *blogs*, redes sociais, entre outras, tornam-se populares e o internauta cria consciência do seu poder de criação e formação de opinião, abandonando o status de espectador passivo.

Portanto, é na fase da web 2.0 que a internet começa a se desenvolver tal como conhecemos hoje. Os múltiplos recursos criados nesta fase passam a fomentar a criação de informações, ampliando consideravelmente a quantidade de conteúdo disponível *online*, deixando o leitor cada vez mais conectado. Ressalta-se, neste ponto que, desde os primórdios da internet, estudiosos já atentavam para os possíveis efeitos dessa livre produção de conteúdo. Nas palavras de Alex Primo (2007):

Contudo, não se pode supor a auto-organização grupal como um processo mágico que faria sempre emergir a verdade a partir de vozes espontâneas, legítimas e interessadas na construção de algo que é de interesse de todos e para seu próprio bem. Ao mesmo tempo em

que a abertura para o trabalho coletivo pode motivar a intervenção de múltiplas vozes — antes prejudicadas pela imposição de um modelo massivo unidirecional —, vandalismos, confusões e erros de informação ou de uso das ferramentas (como apagamento incidental de dados) ganham também espaço. Porém, quando se discute o trabalho aberto e coletivo online, não se pode pensar que a regulação seja eliminada ou desnecessária, nem que as relações de poder deem lugar a relações sociais absolutamente planas e estáveis (PRIMO, 2007).

Nota-se que desde o advento da web 2.0, a livre produção e o excesso de informação disponível, fenômeno conhecido como *big data*<sup>4</sup>, já eram assistidos com parcimônia por especialistas. A quantidade de informação disponível na web não está ligada à qualidade, razão pela qual cada vez mais os indivíduos encontram dificuldade para verificar o que realmente tem relevância e validade. Manter os cidadãos bem informados é essencial à manutenção da democracia, razão pela qual se faz necessária a discussão sobre a garantia do acesso à informação por meio da *web* nos dias atuais.

## **2.2) A linguagem hipermidiática da internet**

Segundo Castells (1999), a transformação tecnológica promovida pelo surgimento da internet teria as mesmas dimensões históricas que a invenção do alfabeto na Grécia, ocorrida por volta de 700 a.C.. Nas palavras do sociólogo: "foi o alfabeto que no ocidente proporcionou a infraestrutura mental para a comunicação cumulativa, baseada em conhecimento" (CASTELLS, 1999, p.413). Ou seja, o alfabeto permitiu o registro de estudos, discursos, sendo elemento essencial para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência. A internet, por sua vez, revolucionou de maneira semelhante, uma vez que integrou vários tipos de comunicação (escrita, oral e audiovisual), permitindo assim o acúmulo de dados digitais, por meio da criação de uma rede interativa, formada por hipertexto e uma metalinguagem (CASTELLS, 1999).

---

<sup>4</sup>O Big Data é o nome dado à massiva quantidade de dados gerados na internet todos os dias. Muitas empresas aproveitam para realizar o cruzamento destes dados com objetivo de selecionar o perfil de potenciais consumidores de seus produtos.

A interface gráfica da web desenvolvida por Tim Bernes-Lee, baseada no conceito de hipertexto, permitiu que o usuário, por meio do navegador, acessasse diversas informações de modo não linear (MONTEIRO, 2001). Portanto, a arquitetura da interface criada por Bernes-Lee tornou a linguagem da internet acessível, uma vez que sua característica hipertextual massificou o seu uso. Nessa estrutura hipertextual, as páginas da web contêm links que levam a outros documentos, permitindo que a navegação seja realizada na ordem de preferência do usuário.

A web evoluiu com o tempo e não ficou restrita a textos, permitindo, assim, o desenvolvimento do que conhecemos como multimídia. Deste modo, passou a ser possível reproduzir sons, imagens, vídeos, entre outros, dentro do universo digital. Para Castells (1999), a importância da multimídia está em sua capacidade de captar a maioria das expressões culturais:

Seu advento é equivalente ao fim da separação e até distinção entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Todas as expressões culturais, da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso, elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade. (CASTELLS, 1999, p.458).

A partir da junção entre o conceito inicial de hipertexto e a nova aplicação do termo multimídia, houve uma reformulação do termo, que passou a ser designado como hipermídia. Este novo conceito é considerado a base para o entendimento da dinâmica do ciberespaço, caracterizando-o como fonte de grande interatividade.

Conforme os estudos de Martino (2015), o conceito de ciberespaço, inicialmente desenvolvido por Pierre Lévy, corresponde ao espaço que existe entre computadores ligados em rede, por meio da qual torna-se possível a troca de dados entre os usuários quando existe uma conexão. Neste espaço, as conexões são feitas ou desfeitas constantemente por meio de um fluxo constante. A partir do momento em que um usuário publica algo ou troca informações na internet, por exemplo, ele está presente no ciberespaço.

O ciberespaço é caracterizado como um ambiente que estimula o aprendizado por meio do compartilhamento e circulação constante de informações e dados. Para Martino (2015), "todas as pessoas podem contribuir com algum elemento para a constituição de um conjunto de saberes que, sem pertencerem a ninguém, estão à disposição de todos para serem usados e transformados" (MARTINO, 2015, p 31).

Deste modo, a internet e o seu ciberespaço, atualmente são caracterizados por meio da linguagem hipermidiática. Essa narrativa hipermidiática normalmente disponibiliza um hiperlink ao leitor, para que ele complemente sua leitura e aprofunde seus conhecimentos sobre determinado assunto. Essa prática é comum entre as ativistas digitais, que são objeto de estudo deste trabalho. Um exemplo é a ferramenta conhecida como "arraste para cima", disponível nos *stories*<sup>5</sup> do Instagram, por meio da qual os usuários disponibilizam, com frequência, textos, vídeos, *podcasts*<sup>6</sup>, entre outras mídias, por meio do recurso "ver mais"<sup>7</sup> para que o seus seguidores possam contextualizar ou até mesmo aprofundar os assuntos debatidos. Nessa ferramenta o dono do perfil insere o link do conteúdo que deseja compartilhar no *stories*. O usuário consegue ter acesso clicando em "ver mais", tal como pode ser verificado nas imagens a seguir:

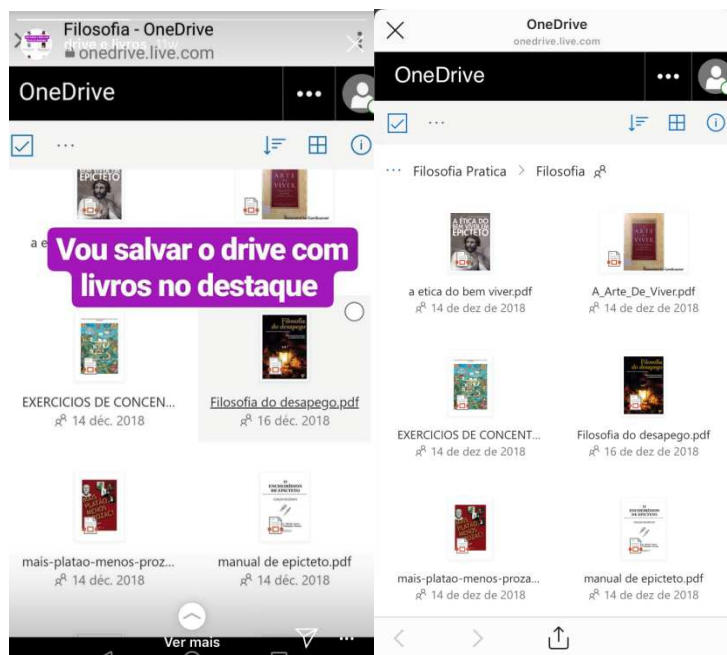
### **Figura 1 - Recurso "arraste para cima"**

---

<sup>5</sup> Ferramenta disponível no Instagram por meio da qual é possível criar fotos e vídeos (com até 15 segundos cada), que ficam disponíveis no perfil do usuário por 24h.

<sup>6</sup> O podcast é um arquivo digital de áudio, semelhante a um programa de rádio, feito com o tema de preferência do criador de conteúdo e transmitido via internet.

<sup>7</sup> Ressalta-se que este recurso é disponível apenas para perfis com mais de 10 mil seguidores.



Fonte: @petit\_oiseau

Na primeira imagem, há a presença do recurso "ver mais", por meio da qual a ativista digital Jéssica Miranda disponibilizou, através de seus *stories* no Instagram, uma pasta no *dropbox*<sup>8</sup> com uma série de livros. Ao selecionar essa opção, o seguidor é redirecionado ao *dropbox*, onde passa a ter acesso às leituras recomendadas.

Os usuários da internet, portanto, são leitores ativos e estão o tempo todo interagindo com os conteúdos disponibilizados na web. A hipermídia proporciona uma experiência com mais interatividade, comparada à TV e o rádio, por exemplo, já que os usuários podem acessar mais de um conteúdo ao mesmo tempo, conectando-se em diversos *sites*, de diferentes segmentos. Por meio da TV e do rádio, apenas uma mesma mensagem similar é enviada ao mesmo tempo para uma audiência de milhões de espectadores (CASTELLS, 1999). Contudo, a internet, através de sua linguagem hipermidiática e das informações disponíveis em seu ciberespaço, dinamizou e atualizou o processo de informação. No universo virtual, o leitor navega entre *links* em busca de informações e conhecimento.

<sup>8</sup>Dropbox é um serviço de nuvem, criado para armazenar e compartilhar dados online.

Deve-se ressaltar que os estudos sobre a internet evoluíram e, atualmente, para melhor compreensão, devemos considerar a presença dos algoritmos, elemento responsável pela disponibilidade de alguns conteúdos aos usuários, em detrimento de outros, sendo responsável pela criação de bolhas ideológicas nas redes sociais. Deste modo, tal como problematizamos a passividade proporcionada pelos meios tradicionais de comunicação (TV e Rádio), mais adiante será demonstrado os riscos proporcionados pela manipulação de dados na internet, a razão pela qual torna-se essencial que o internauta faça uso das ferramentas disponíveis de maneira crítica e responsável.

### **2.3) As fases do webjornalismo**

A web 2.0 proporcionou um campo fértil e diversas vantagens para o desenvolvimento do jornalismo, onde o profissional passa a ser desafiado constantemente a desenvolver produtos pertinentes e que contemplem a nova maneira de consumir notícias. A praticidade do computador ligado à rede, bem como a integração das mídias agregam valor ao processo de comunicação, potencializando as formas de apuração, publicação, compartilhamento e organização de informações (OLIVEIRA e GLANZMANN, 2010).

Deste modo, o webjornalismo foi passando por diversas transformações, as quais podem ser agrupadas em fases distintas. Para Silva Jr., podem ser identificadas as seguintes fases: transpositivo (quando a formatação dos jornais online seguia o modelo impresso), perceptivo (é mantido o modelo transpositivo, porém há a percepção de uma nova organização das notícias em rede) e hipermediático (há a presença de recursos hipertextuais e multimídias, o que dinamiza as plataformas de notícias) (SILVA JR., 2003 apud LUCIANA MIELNICZUK).

Em sua tese de doutorado, Luciana Mielniczuk propõe classificação similar, também dividida em três fases, quais sejam: produtos de primeira geração ou fase da transposição, produtos de segunda geração ou fase da

metáfora e produtos de terceira geração ou fase do webjornalismo (MIELNICZUK, 2003).

Na primeira geração, conhecida como transposição, o conteúdo jornalístico disponível *online* não passava de uma cópia dos materiais impressos. Segundo Mielniczuk (2003), eram disponibilizadas no máximo uma ou duas matérias, e o conteúdo era atualizado a cada 24h, acompanhando o fechamento do jornal.

Já na segunda geração, acompanhando o aprimoramento dos mecanismos disponibilizados na *web*, o webjornalismo começa a tentar explorar as novas ferramentas disponíveis. Os *links*, e-mail e até mesmo fóruns começam a ser utilizados, aproximando assim o leitor do jornalista. Deste modo, nessa fase, a interatividade entre empresas e usuários começa a ganhar espaço na rede.

Por fim, temos a terceira geração de webjornalismo, fase em que a internet já está consolidada entre o público, o que leva as editorias a produzir conteúdo específico para o universo online. Nesta fase, são aperfeiçoadas as versões *online* dos jornais e os jornalistas passam a enriquecer os seus produtos por meio dos produtos multimídias (como sons e animações), oferecendo ao usuário uma experiência ainda mais interativa (MIELNICZUK, 2003).

#### **2.4) As redes sociais e o webjornalismo**

A web 2.0 foi desenvolvida e marcada não só pelo aspecto tecnológico, como também por interações sociais. No ambiente *online*, há a constante aproximação com as fontes por meio de comentários e críticas. Sem contar que, nesta fase, o usuário torna-se capaz de produzir conteúdo, seja em sua rede social, *blog*, fórum, entre outros.

Para Manuel Castells, este fenômeno de produção de conteúdo pode ser conceituado como autocomunicação, referindo-se à internet como plataforma de comunicação. Nessa plataforma, a mensagem é elaborada de maneira autônoma pelo remetente e enviada simultaneamente a muitos receptores, que

estão ao redor do mundo (BOSCO, 2018). O processo de autocomunicação contribui para a promoção de independência dos indivíduos frente aos meios tradicionais de comunicação. Isso ocorre quando os indivíduos passam a exercer o papel ativo de transformações sociais por meio da produção de conteúdo e da comunicação, resultando em ideias que são compartilhadas globalmente (PAZ, 2017).

Deste modo, o processo de autocomunicação é um dos efeitos mais relevantes nas redes sociais. Este processo é responsável pela difusão de informações por meio de indivíduos interconectados. Segundo Recuero (2014), as redes sociais funcionam como redes de comunicação:

Cada laço estabelecido no ciberespaço é, deste modo, um canal de trânsito de informações entre sujeitos e entre coletivos. Redes sociais online constituem-se, portanto, em mídia emergente, fruto de dinâmicas coletivas dos atores na difusão de informações no espaço digital (RECUERO, 2014).

A partir da publicação nas redes sociais, as informações tornam-se públicas. Essa noção, bem como a interação entre os indivíduos no ciberespaço, dá visibilidade a determinados assuntos, abrindo para a sua discussão. Isso nos remete ao conceito de Esfera Pública, que inicialmente foi pensado por Habermas como um espaço livre para debate de ideias (MARTINO, 2015).

Para Habermas, esse conceito está diretamente ligado à democracia, ou seja, a troca de informações entre os cidadãos interessados em discutir assuntos políticos são elementos fundamentais para a formação de uma Esfera Pública. Inicialmente, para o autor, espaços como clubes, cafés e praças, onde as pessoas discutiam assuntos políticos, bem como a publicação de ideias em livros e jornais, foram essenciais para a consolidação do conceito clássico de Esfera Pública (MARTINO, 2015).

Porém, a partir do século XIX, o jornalismo, que até então era apenas um instrumento político de publicação de ideias, torna-se um produto do mercado, passando a ser influenciado pela noção de publicidade. Assim, a

Esfera Pública torna-se um espaço de disputa de interesses mercadológicos de empresas e do Estado. Nas palavras de Habermas:

A grande imprensa repousa na refuncionalização comercial daquela participação de amplas camadas na esfera pública: arranjar preponderantemente às massas de um modo geral um acesso à esfera pública. No entanto, essa esfera pública ampliada perde o seu caráter político à medida que os meios para a "acessibilidade psicológica" poderiam tornar-se uma finalidade em si mesma de uma posição consumista comercialmente fixada (HABERMAS, 1984)

Isto posto, a internet, por meio das redes sociais, se destaca como um novo espaço público digital, onde ocorre a interação entre os indivíduos, por meio da publicação autônoma de conteúdo. A partir do momento em que uma informação com relevância política é divulgada nas redes sociais, abre-se espaço para a discussão no que pode ser chamada de esfera pública conectada (MARTINO, 2015). As discussões sobre questões políticas promovidas nas redes sociais podem ser usadas para identificar alguns momentos de ativismo cívico dos usuários, assunto que será aprofundado no próximo capítulo.

As redes sociais, principais plataformas utilizadas para a produção autônoma de conteúdo, são redes formadas a partir de interesses, temas e valores compartilhados, e são caracterizadas por uma dinâmica específica (MARTINO, 2010). Deste modo, a dinâmica diz respeito ao modo como os participantes interagem entre si. A arquitetura da informação disponível em determinada rede social vai ditar o modo como a interação deverá se desenvolver. Por exemplo, na rede social Twitter somente é possível a criação de textos com até 280 caracteres por vez. Já no Facebook, há a possibilidade de publicação de textos mais longos, sem restrição de caracteres.

Os estudos realizados sobre redes sociais, em sua essência, giram em torno da estrutura social formada através do relacionamento entre indivíduos, constituindo assim um estudo de padrões sociais (RECUERO, 2014). Entretanto, os estudos das redes sociais no ciberespaço não são marcados pela mesma temporalidade que as relações *offline*, uma vez que os laços não são desgastados pela falta de contato.

Segundo Martino (2010), essa característica pode ser compreendida como flexibilidade. Essa noção diz respeito aos laços que os usuários criam entre si, uma vez que não são duradouros e exclusivos, em razão de sua dinâmica. Ressalta-se ainda que os usuários podem ter várias representações na rede, ao passo que podem criar perfis em diferentes redes sociais. Um outro ponto relevante está no fato de que as redes sociais colaboram diretamente para a construção de relações, uma vez que possibilitam que os usuários acompanhem os interesses de outros perfis.

Nota-se, portanto, que há muita relevância e potência das relações que são constituídas através das redes sociais digitais. Assim, o crescimento e o impacto gerado pelo engajamento dos usuários nas redes sociais foi percebido pelos meios de comunicação, uma vez que estes deixaram de ser os únicos detentores do poder de informação para o público. O papel de grande autoridade mediadora da imprensa é diminuído com as redes sociais, onde qualquer um pode publicar ou compartilhar notícias, reais ou falsas.

Em sua essência, o jornalista é responsável pela circulação de notícias e informações, sendo também responsável pela transmissão de valores, os quais podem contribuir diretamente para o engajamento de grupos sociais, o que é essencial para a democracia. Para cumprir seu papel social, mais do que nunca é essencial que o jornalista fique atento às tecnologias disponíveis na rede, adaptando a produção de notícias a essas inovações, para que assim seja possível atingir um público que atualmente vive conectado ao ciberespaço.

Alguns jornais tradicionais, como *Folha de São Paulo* e *O Globo*, por exemplo, possuem perfis nas redes sociais onde, através de *crossmedia*<sup>9</sup>, distribuem e adaptam o seu conteúdo às diferentes arquiteturas de informação. Isto mostra que o papel do jornalista na era digital tornou-se ainda mais complexo, uma vez que cabe a ele, em meio a um intenso fluxo de informações criadas diariamente, a organização e hierarquização das notícias que realmente são relevantes para os leitores.

---

<sup>9</sup>Esse conceito surgiu na área da publicidade e do marketing, através da “possibilidade de uma mesmacampanha, empresa ou produto utilizar simultaneamente diferentes tipos de mídia: impressa, TV, rádio e Internet” (LUSVARGHI, apud MARTINS, 2011).

Em meio a um contexto de alta polarização na política brasileira, é necessário que o jornalista exerça seu papel de maneira ética, pois uma matéria mal redigida ou mal interpretada pode dar ênfase à determinadas questões que impactam diretamente nos debates políticos, deixando em segundo plano questões que teriam mais pertinência para a esfera pública. Cidadãos mal informados e restritos à bolhas de informações, tendem a fazer escolhas irracionais durante as eleições. Cabe ao jornalista estar atento a estes fenômenos, lutando sempre pela democracia e por meios de sanar a desinformação de maneira eficaz.

### 3. CIBERATIVISMO E LUTAS IDENTITÁRIAS

Este capítulo realizará uma breve exposição sobre o ciberativismo, temática essencial para compreensão do tema deste trabalho. De maneira específica, será explorado o conceito de cultura de convergência, o caso da Primavera Árabe e as redes sociais como novos espaços digitalizados para o ativismo.

#### 3.1) Cultura da convergência

A evolução constante das tecnologias colabora para que o acesso à internet seja cada vez maior, ampliando constantemente o número de indivíduos e grupos conectados. Quanto mais pessoas conectadas, maior a troca de informações e conhecimento. Essa interação entre indivíduos no ciberespaço é conceituada por Pierre Lévy (1999) como "inteligência coletiva". Em outras palavras, refere-se à dinâmica que ocorre na transformação do saber no mundo *online*.

Como citado no capítulo anterior, qualquer pessoa pode produzir conteúdo e disponibilizá-lo na internet para que todos possam usufruir. Esse processo é definido por pesquisadores como "princípio da reciprocidade", uma vez que o conhecimento de uma pessoa pode ser relevante para outra. Martino (2015) nos lembra que é possível pesquisar sobre o sentido da vida no *Google* e até mesmo aprender a instalar uma tomada por meio de vídeos no *Youtube*. Nessa lógica, nenhum conhecimento é desprezado, tudo é aproveitado e valorizado em seu contexto específico.

Para Henry Jenkins (2009), inteligência coletiva refere-se ao consumo coletivo de informações e ocorre quando associamos os saberes de diversos indivíduos:

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência (JENKINS, 2009, p. 31)

Deste modo, percebe-se que para Jenkins, a cultura de convergência não ocorre apenas em razão das tecnologias - embora tenham importância nesse processo - e sim no cérebro dos consumidores de informações, durante suas interações sociais. Nas palavras do autor: “convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando” (JENKINS, 2009).

A convergência ocorre quando os indivíduos interagem e compartilham mensagens, ideias, valores, acrescentam suas contribuições e as lançam de volta nas redes. Segundo Martino (2015), a convergência consiste em um processo cultural que ocorre na mente dos indivíduos a partir do momento em que diversas referências culturais se reúnem por meio de conexões entre os elementos que estão disponíveis nas mídias e em suas realidades. Portanto, a convergência depende da noção de cultura de um determinado indivíduo e do entendimento da internet como grande plataforma colaborativa.

Os meios de comunicação dentro da cultura da convergência estão ligados à ideia de mídias de massa, mídias digitais e às interações no ciberespaço. De uma maneira geral, a ideia de convergência parte do princípio de que as mídias são agregadas de uma maneira diferente após a experiência dos indivíduos, permitindo a compreensão de novos significados.

A partir do momento em que um indivíduo assiste a um programa de TV e realiza comentários sobre o mesmo nas redes sociais, já podemos falar em convergência. Portanto, a cultura de convergência representa uma alteração no modo como o indivíduo é visto dentro do processo de comunicação (MARTINO, 2015):

(...) os receptores tornam-se capazes de elaborar/reelaborar suas próprias mensagens, compartilhando os códigos da cultura da mídia, mas também reinterpretando e recriando esses elementos conforme é possível elaborar a partir de mídias digitais. O receptor se torna, na Cultura da Convergência, alguém produtivo, que não apenas vai reinterpretar as mensagens da mídia conforme seus códigos culturais, mas também vai reconstruir essas mensagens e lançá-las de volta ao espaço público pela via dos meios digitais. (MARTINO, 2015, P.37)

Para Martino (2015), o conceito de Cultura da Convergência está ligado à possibilidade de que todo indivíduo pode ser um possível produtor de mensagens e a evolução das tecnologias digitais é essencial para esse processo de comunicação. Nesse ponto, cabe ressaltar que a popularização dos *smartphones*, bem como sua presença no cotidiano dos indivíduos facilita e incentiva a produção autônoma de conteúdo.

Deste modo, os indivíduos produzem, muitas vezes de maneira caseira, conteúdos com base nos códigos que absorveram durante a vida toda, bem como em suas próprias percepções de mundo. Na cultura da convergência, a forma de produzir conteúdo e a recepção da cultura sofrem alterações. Ressalta-se ainda, que a troca de ideias e discussões sobre determinado tema em eventos promovidos por fãs de uma determinada cultura, são uma ótima maneira de demonstrar os caminhos diversos que um conteúdo pode seguir após sua convergência.

### **3.2) Web-atores**

Os web-atores<sup>10</sup> são produtores de conteúdo *online* que apresentam uma realidade da qual são testemunhas. Ou seja, são testemunhas oculares de um determinado assunto, sendo especialistas para dissertar sobre o tema. Nessa lógica, então por que seria mais interessante privilegiar o ponto de vista de jornalista em detrimento de um *web-ator*? Ainda que o jornalista seja um profissional especialista em apurar histórias e informações, o atual sistema comunicacional vive submisso à urgência e ao instantâneo. Os jornalistas, muitas vezes, sob pressão das redações, não possuem tempo hábil para exercer o seu trabalho de maneira consciente, e acabam por negligenciar os princípios da profissão.

Todo internauta pode ser um potencial web-ator, por meio da produção de conteúdo. Inclusive, o número de usuários em redes sociais tem crescido exponencialmente<sup>11</sup>. Esse crescimento permite com que os web-atores ampliem o seu potencial comunicacional. Segundo Ignácio Ramonet (2012), a

---

<sup>10</sup> Termo usado por Ignácio Ramonet no livro “A explosão do Jornalismo – Das mídias de massa à massa de mídias”, publicado em 2012.

<sup>11</sup> Segundo pesquisa realizada em 2018 pelas empresas *We are Social* e *Hootsuite*, 62% da população brasileira está ativa nas redes sociais. Fonte: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/62-da-populacao-brasileira-esta-ativa-nas-redes-sociais/>

intensa produção de conteúdo pode resultar em uma “sabedoria coletiva ou até em uma imbecilização generalizada”.

Nesse contexto, o jornalista passa a coexistir com toda a produção amadora, tornado cada vez mais complicado a distinção entre as duas produções de conteúdo. Para a especialista em inovação e técnicas de informação Patrice Flichy, (apud RAMONET, 2012), essa realidade configura o surgimento de um novo tipo de indivíduo: o *pro-am* (profissional-amador), uma vez que ele, sem vínculos com empresas de mídia, desenvolve suas atividades amadoras com um certo viés profissional.

Para Ignacio Ramonet (2012), atualmente nós passamos do modelo das mídias de massa para a era da massa de mídias. Antes, apenas um modelo de mídia predominava, agora, várias mídias são capazes de, em conjunto, constituir uma plataforma. A internet corrobora com esse processo, uma vez que permite a divulgação de fatos e notícias de maneira independente, o que faz com que a informação se espalhe e atravesse fronteiras. A Primavera Árabe<sup>12</sup> foi um grande exemplo disso, uma vez que foi palco de uma revolução digital, por meio da qual, cidadãos utilizaram a internet para divulgar abusos e censura.

Portanto, deixamos um sistema “mídia-cêntrico e entramos num sistema eu-cêntrico” (RAMONET, 2012). Para o autor, essa mudança promove algumas vantagens no que diz respeito a produção de conteúdo:

Cada internauta possui o poder de comunicar sons, textos, imagens, de trocar informações, de redistribuí-las, de misturá-las a diversos documentos, de realizar suas próprias fotos ou vídeos e de colocá-los na rede, onde massas de pessoas vão vê-las e, por sua vez, participar, discutir, contribuir, fazer circular (RAMONET, p.28, 2012)

Ramonet (2012) também promove uma reflexão acerca dos efeitos do excesso de informações produzidas na sociedade midiaticizada em que vivemos. Para o autor, a proliferação de informações gera o fenômeno da "censura democrática":

(...) em nossas sociedades democráticas, as informações tornaram-se tão abundantes, tão saturadas

---

<sup>12</sup> Este termo refere-se a uma onda de protestos e revoluções populares contra governantes no mundo árabe, que aconteceram em 2011.

de parasitas (*soft news, infotainment, trash news*) que elas nos asfixiam e nos impedem de saber quais "outras informações" nos são ocultadas. Dessa forma, entre a liberdade de informação e os cidadãos, eleva-se a pilha de informações hiperabundantes, tão insuperável, ou quase, quanto os obstáculos impostos pelas ditaduras. Em outros termos, é o "muro da informação" que nos impede de ter acesso à informação. Esse excesso bloqueia o caminho para o conhecimento. O homem contemporâneo corre, assim, o risco de se tornar um ignorante saturado de informações (RAMONET, p.54, 2012).

O excesso de informações disponíveis nas redes promove, de certo modo, uma perda de credibilidade entre as mídias tradicionais. Torna-se complexo o processo de curadoria de notícias por parte dos leitores, que passam a lidar diariamente com uma massa de informações. De certo modo, para Ramonet (2012), a quantidade de informações transbordando nas redes promove uma asfixia nos indivíduos.

Na direção contrária, o sociólogo Manuel Castells (2002) apresenta um olhar otimista no diz respeito a livre circulação de informações na internet. O sociólogo entende que o acúmulo de conhecimentos proveniente do desenvolvimento tecnológico também colabora para o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação, promovendo um círculo virtuoso de geração de saber, podendo significar um possível "empoderamento de sociedades e indivíduos" (CASTELLS, apud, DI FELICE, 2012). Nota-se que Castells não considerou a influência dos algoritmos nas redes sociais e a formação de bolhas ideológicas (PARISER, 2011), proveniente da polarização.

Nesse sentido, abre-se uma discussão sobre medidas que podem colaborar para a melhoria do processo de informação e aprimoramento do fazer jornalístico. Nos últimos anos, surgiram diversos canais de jornalismo *online*, financiados por doações de cidadãos (*crowdfunding*) que desejam ter acesso a informações alternativas daquelas publicadas pelos canais tradicionais de imprensa.

Ramonet (2012) apresenta uma outra possibilidade para o jornalismo: a produção de conteúdo por jornalistas em parceria com especialistas, blogueiros ou até mesmo internautas participativos e menciona o êxito que o site *The*

*Huffington Post*<sup>13</sup> obteve após adotar essa estratégia. Para o autor, o sucesso do site encontra-se no fato de que ele prioriza opiniões, em detrimento de reportagens, o que promove certa economia nos custos. Além disso, frequentemente o site conta com a colaboração de personalidades, o que é atrativo ao público.

Não cabe criar teorias apocalípticas quanto ao futuro do jornalismo. A eventual perda de credibilidade das mídias tradicionais não significa a substituição dos jornais pela internet, assim como o surgimento da televisão não colocou fim no rádio ou no cinema, por exemplo. Trata-se de uma questão de adaptação e reciclagem. A internet proporciona uma vasta audiência ao jornalista; cabe a ele encontrar maneiras para potencializar a produção de informações, uma vez que os leitores continuam exigindo seu direito a informação de qualidade.

Em meio ao excesso de informações e a perda de credibilidade das mídias tradicionais, o jornalista deve compreender que o problema não é encontrar informação, mas sim informação de qualidade. Torna-se essencial a esse processo, dar voz a nichos específicos e tomar conhecimento de demandas em seu lugar de fala, principalmente quando um jornalista pretende abordar questões sociais.

### **3.3) Ciberativismo e sua manifestação ao redor do mundo**

Conforme demonstrado no capítulo 1, o advento das plataformas colaborativas, tais como redes sociais e *blogs*, surgidas na fase da Web 2.0, representou uma revolução no modo de fazer comunicação e repassar informações. O desenvolvimento das redes sociais possibilitou uma nova forma de relacionamento *online*, dando origem a uma nova forma de ativismo.

Inicialmente, cumpre lembrar que todo processo de troca de informações corresponde a um modo de fazer comunicação. Portanto, cabe ao jornalista estar atento a este tipo de movimento. Segundo Recuero:

---

<sup>13</sup> Site agregador de conteúdos criado em 2005 por Arianna Huffington. Dispõe de informações variadas, como notas, artigos, entre outros conteúdos, produzidos por diversas fontes.

Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas (RECUERO, apud DI FELICE, 2012)

Deste modo, os indivíduos passam a criar laços que não dependem de um território, e sim das interações. Nota-se que a inserção das tecnologias na sociedade corresponde a um importante fator capaz de provocar modificações culturais, como por exemplo, o surgimento da cibercultura (DI FELICE, 2012). Esse novo modelo de cultura abriu caminho para movimentos sociais realizados de maneira *online*:

(...) com a expansão da internet, surgiu uma série de movimentos de ação direta, com práticas sociais e comunicativas específicas, explicitando uma rede de relações e de novos conflitos sociais; ampliou-se e diversificou-se o termo ativismo, de origem estadunidense, enquanto modalidade de organização e ação política direta de base (marcada pela difusão de informações na rede com objetivo de boicotar o consumo de determinados produtos, e também das ocupações, manifestações e protestos ligados aos direitos humanos, civis e ambientais) (Di Corinto e Tozzi, apud Di Felice, 2012)

Portanto, a expansão da internet fez surgir um novo propósito para a produção autônoma de conteúdo. Os *web-atores* passaram a ocupar seus lugares de fala, levantando questões sociais pertinentes às suas condições nas redes. Assuntos como preservação do meio ambiente, defesa de recursos naturais, diversidade cultural, feminismo, questões das culturas indígenas, entre outras pautas, tornaram-se o foco da produção de conteúdo:

(...) até os anos 1970, os movimentos sociais eram entendidos como ações coletivas de caráter revolucionário contra as relações de produção contraditórias do sistema capitalista. Igualavam-se, portanto, à luta de classes na ação histórica da sociedade. Já a partir dos anos 1980, com o fim da Guerra Fria, sob o manto da pós-modernidade, os movimentos sociais se tornaram mais heterogêneos e complexos, estruturados no meio urbano, com arcabouços e linhas de ação diversificadas: ambientalistas, feministas, pacifistas, pelos direitos dos animais, etc (DI FELICE, 2019).

O termo *ciberativismo* surgiu nos anos 1990, em razão do uso das tecnologias digitais em rede, sendo a luta zapatista<sup>14</sup>, no México, a precursora deste movimento. Trata-se de um tipo de ativismo que encontrou nas tecnologias o suporte para arrecadar fundos, divulgar informações e fortalecer movimentos. Ou seja, o conceito de ciberativismo visa demonstrar como as novas tecnologias alteraram a ideia de ativismo, bem como os conceitos de participação política e identidade coletiva:

(...) o ciberativismo refere-se a de que forma utilizar a Internet para dar suporte a movimentos globais e a causas locais, utilizando as arquiteturas informativas da rede para difundir informação, promover a discussão coletiva de ideias e a proposição de ações, criando canais de participação (LEMOS, apud, DI FELICE, 2012).

Para Di Felice (2012), os movimentos ativistas na era da internet criaram uma nova identidade cidadã global, com pautas reivindicatórias que priorizam necessidades comuns, tal como democracia, direitos das minorias, sustentabilidade, entre outros. A definição dessas pautas é um processo fruto das interações construídas na rede. Deste modo, trata-se de um processo colaborativo surgido através do uso estratégico das redes sociais digitais por parte de movimentos sociais.

A internet tornou-se, portanto, uma forma de alcançar as metas dos movimentos políticos. Não devemos esquecer, porém, que o ativismo, em sua essência, tem origem antes da internet. As redes apenas vieram para somar e para diversificar os possíveis modos de fazer ativismo. Com o aprimoramento das tecnologias e o uso massivo das redes digitais sociais, os movimentos ganharam aceleração e amplitude, reforçando o comprometimento com as novas pautas (direitos das minorias, causas ambientais, arte, cultura, educação, entre outras). As formas de atuação e a abrangência territorial destes movimentos são tão plurais quanto as pautas abordadas.

As práticas ativistas digitais povoam a internet, por meio do compartilhamento de notícias, textos e até mesmo e-mails, com solicitações para abaixo assinados *online* contra alguma injustiça ou mazela social. De

---

<sup>14</sup> Conflito que ocorreu entre o governo mexicano e os indígenas. Esse movimento começou por meio da divulgação de informações na rede, permitindo conexões com outros movimentos sociais e trazendo para o movimento toda a sociedade civil internacional.

certo modo, a internet fomenta um modelo de organização cooperativo, onde torna-se possível a influência do ativismo em eventos globais.

Esse foi a lógica que influenciou na Guerra do Iraque, em 2003, momento em que a mídia norte-americana fomentava uma visão favorável apenas aos Estados Unidos, o que levou “blogueiros”, ativistas e a imprensa independente como um todo, a lutarem contra essa forma de divulgação controlada de informações (permeando uma possível ideia de censura). Esse poder de influenciar em movimentos de maneira global ganhou força com os movimentos conhecidos como a já citada Primavera Árabe, que buscavam a libertação de países que sofriam com ditaduras instaladas há décadas no poder. Este movimento se espalhou rapidamente pelo norte da África e pelo Oriente Médio, e foi responsável por desestabilizar ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen (CASTELLS, 2017).

A Revolução da Tunísia teve início com o ato de automutilação de um ambulante que vendia frutas. Após sofrer vários confiscos de sua banca de frutas e legumes, Mohamed Bouazizi recusou pagar propina aos policiais locais e ateou fogo em si mesmo como forma de protesto. O ato motivou outros jovens, que também sofriam com a repressão, protestassem no local onde Mohamed se imolou. A manifestação foi filmada e divulgada na internet, estimulando mais protestos. Por meio das redes, começaram a divulgar não só os protestos, como também a violência e a repressão por parte das autoridades policiais locais. Essa divulgação, em grande parte digital, funcionou como um incentivo para os manifestantes. Por meio das manifestações, o povo da Tunísia conseguiu expulsar do país o ditador Bem Ali. Exigiam liberdade política, de imprensa e eleições democráticas. Houve uma conexão entre as redes sociais digitais e a ocupação do espaço urbano, criou um híbrido espaço público de liberdade que se tornou uma forte característica da rebelião tunisiana (CASTELLS, 2017).

A Primavera Árabe no Egito também se iniciou de maneira semelhante à tunisiana: com a formação de grupos nas redes sociais e divulgação de vídeos que mostravam a opressão das forças policiais. Com o objetivo de derrubar o ditador Mubarak e seu regime, ela também foi marcada por atos de

automutilação, que ocorreram em protesto contra o preço da comida<sup>15</sup> e em prol da democracia. Por meio das redes sociais digitais, as manifestações começaram a ser convocadas, associando-se ao poder das redes sociais pessoais, o que contribuiu para disseminação de informações.

O principal ato de divulgação foi a publicação de um vídeo por Asmaa Mahfouz, uma das fundadoras do Movimento da juventude 6 de Abril, por meio do qual ela convocava a ocupação de uma praça. O vídeo em questão tornou-se viral e levou milhares de pessoas à praça Tahrir<sup>16</sup>. Ressalta-se, neste ponto, o importante papel que as mulheres tiveram na revolução egípcia. Asmaa compartilhou outros vídeos que tiveram forte impacto na revolução:

Tratava-se de uma jovem, em seu próprio nome e com seu próprio rosto, dirigindo-se ao povo do Egito, e particularmente aos homens, jogando a carta do patriarcalismo com habilidosa ironia ao pedir que os homens se juntassem a ela, uma garota: “Quem diz que mulheres não deveriam ir aos protestos porque serão agredidas, que mostre sua honra e masculinidade e venha comigo em 25 de janeiro. Se você tem honra e dignidade como homem, venha e me proteja, assim como outras garotas no protesto (CASTELLS, 2017).

A influência de Asmaa abriu o caminho para que outras mulheres atuassem como web-atores fomentando as manifestações por meio das redes sociais digitais. Muitas mulheres egípcias ocuparam os espaços públicos, liderando e participando ativamente das manifestações. Durante todo o processo revolucionário, mulheres foram mortas, presas, agredidas e repreendidas pelo regime militar, inclusive Asmaa, que foi obrigada a encarar o tribunal militar. A movimentação das mulheres dentro das manifestações foi um grande marco, pois a sociedade egípcia era altamente patriarcal. Esse engajamento causou, inclusive, desconforto nos homens que também lutavam pela revolução, pois ameaçavam sua hierarquia. Porém, apesar do destaque que conquistaram, na prática as mulheres não conseguiram representatividade na política egípcia, uma vez que o subjulgamento que enfrentam nesta sociedade envolve anos de costumes e tradições (CASTELLS, 2017).

---

<sup>15</sup> Os principais temas da revolução egípcia foram: pão, liberdade e justiça social.

<sup>16</sup> Conhecida com praça da liberdade, era um lugar simbólico e central, consistindo num espaço público que dava visibilidade para a revolução.

Após o início dos protestos, o governo egípcio lançou mão de censura e chegou a tomar medidas para bloquear *sites* de redes sociais, por meio das quais os protestos estavam sendo convocados, e posteriormente chegou a bloquear o sinal de internet. Entretanto, a vigilância da comunidade global fez com o que o movimento se reconectasse com o mundo, principalmente pelo fato de que a internet passou a se considerada um direito fundamental.

Assim como as revoluções da Tunísia e do Egito, as demais revoluções árabes também começaram a germinar por meio das redes sociais digitais. Portanto, podemos compreender as redes sociais, a internet e as ferramentas online como instrumentos de organização, expressões culturais e autonomia política (CASTELLS, 2017). Nas palavras do autor:

Os blogs políticos, no período anterior aos levantes, foram essenciais para a criação, em muitos países, de uma cultura política de debate e ativismo que contribuiu para o pensamento crítico e para a adoção de atitudes rebeldes por parte de uma jovem geração que estava pronta para a revolta nas ruas. Os levantes árabes nasceram na aurora da era digital no mundo árabe, embora com diferentes níveis de difusão dessas tecnologias de comunicação nos diversos países. Mesmo naqueles com baixos níveis de acesso à internet, o núcleo dos ativistas que, como uma rede, conectaram o movimento, e este com a nação e com o mundo, foi organizado e debatido nos sites de redes sociais. (CASTELLS, 2017).

A constante presença nas redes sociais é um modo de vida para muitas pessoas, principalmente para jovens. Para o sociólogo, nem todo protesto atinge o status de “relevância política”, que seria necessário para provocar uma mudança significativa. Porém, a inquietação de uma determinada sociedade somada ao uso generalizado das redes sociais digitais, pode transformar revoltas individuais em grandes protestos.

Nessa onda de manifestações, o Brasil também se mobilizou. Em junho de 2013, uma série de passeatas marcaram o contexto político em nosso país. Os protestos tiveram início a partir de estudantes na capital de São Paulo, quando passaram a ocupar as ruas para questionar o aumento da passagem em R\$0,20. Ou seja, começou a partir de protestos relacionados ao transporte público. E seguiu para outros temas, como fim da corrupção, melhores serviços

e questionavam, ainda, as verbas direcionadas para as obras da Copa do Mundo de Futebol.

Inicialmente, essas passeatas foram promovidas pelo Movimento Passe Livre (MPL). Embora não tivessem liderança organizada, as Jornadas de Junho de 2013 demonstraram, em sua essência, grande anseio da população por mais qualidade de vida e pelo fim da corrupção. O principal protesto aconteceu em 13 de junho de 2013, em São Paulo, quando os confrontos foram mais intensos. Em 20 de junho, 1,5 milhão de pessoas mobilizaram-se em São Paulo contra a corrupção e o desvio de verbas.

Com o passar do tempo, o movimento dispersou e tornou-se menos espontâneo no que diz respeito à manifestação dos anseios das massas, e acabou perdendo força. Foi possível notar que os protestos e manifestações brasileiras dispersaram-se, fugindo às necessidades do povo e, em algumas vertentes, passando a servir a interesses políticos. Alguns grupos marginalizados, clandestinos e mesmo partidos políticos passaram a se apropriar, de maneira populista e demagógica, dos protestos como forma de expressão política. Portanto, passaram a nutrir-se das revoltas das redes sociais digitais:

Os fatores causadores da sistematização e intensificação das lutas identitárias foram, portanto, além do fator indireto do colapso do lulismo e das revoltas de junho –enquanto marcos de tensionamento social generalizado-, o bloqueio permanente do sistema político (bem como a resistência das instituições públicas a mudanças) e a relação, por assim dizer, consubstancial entre natureza das lutas identitárias e a natureza do novo espaço público (que tem como núcleo as redes sociais digitais, já consolidadas e expandidas): um e outro operam no âmbito do reconhecimento, mais do que naquele das transformações institucionais diretas) (BOSCO, 2017)

Em linhas gerais, podemos falar que as jornadas de junho de 2013 contribuíram para a polarização da política brasileira entre direita e esquerda. E foi nesse momento que as lutas identitárias se fortaleceram no cenário das redes sociais digitais por meio da produção autônoma de conteúdo, conforme será demonstrado no próximo capítulo.

#### 4. WEB-ATORES E O ATIVISMO FEMINISTA NO INSTAGRAM

Este capítulo apresentará um estudo de caso do ativismo na Internet, abordando a análise de perfis no Instagram que trabalham a temática do feminismo. Será demonstrando como estes perfis se apropriam das ferramentas disponíveis na rede social para repercutir pautas relacionadas ao movimento feminista entre seus seguidores.

A pesquisa acompanhou 3 mulheres feministas que utilizam o aplicativo Instagram para efetuar sua comunicação. A análise foi feita através do conteúdo disponibilizado entre dezembro de 2017 e outubro de 2019<sup>17</sup>. Busca-se analisar se este ativismo, que visa a mobilização através das redes sociais, pode de fato contribuir para a popularização e compreensão do movimento por toda a sociedade.

##### 4.1) As demandas identitárias nas redes sociais

Como já citado anteriormente, desde sempre os indivíduos buscaram a comunicação com seus semelhantes por meio das redes sociais. Hoje, segundo Martino (2015), as interações humanas nas redes digitais formam comunidades virtuais<sup>18</sup>. Para o autor, a internet colabora para redução das fronteiras geográficas, permitindo a conexão entre indivíduos que possuem lutas identitárias semelhantes, porém estão em localidades distintas. Entretanto, ele ressalta os perigos da rede:

Uma pessoa não se torna necessariamente racista ou homofóbica na internet, mas racistas e homofóbicos podem se aproveitar da arquitetura das comunidades virtuais para encontrar quem compartilhe de sua visão da realidade (MARTINO, 2015).

Logo, uma pessoa pode encontrar representatividade na internet, independente do seu discurso. Para participar de uma determinada comunidade virtual é preciso ter afinidade com a identidade defendida. A moeda de troca dentro dessas comunidades será a informação, portanto é

---

<sup>17</sup> A ferramenta destaques do Instagram foi criada em dezembro de 2017. Deste modo, esta pesquisa buscou analisar o conteúdo publicado no perfil desde a criação da ferramenta, quando passou a ser utilizada pelas ativistas, até os dias atuais.

<sup>18</sup> Este termo aparece na obra de Howard Rheingold (1994), intitulada “A comunidade virtual”, e representa as teias de relações formadas no ciberespaço.

necessário ter interesse pelos assuntos que serão debatidos para se encaixar em um determinado agrupamento.

A partir do momento em que indivíduos se engajam por interesses comuns, isso gera espontaneamente algum tipo de mobilização política. Deste modo, torna-se essencial “levar em consideração o potencial de mobilização nas comunidades” (MARTINO, 2015). Deve-se considerar também os impactos das comunidades virtuais no mundo real, já que o fluxo de informações nas redes sociais virtuais é intenso e, com frequência extrapola o plano virtual, provocando efeitos nas redes sociais reais.

Ou seja, de certo modo, as comunidades virtuais fomentam a criação de identidades culturais. Em alguns casos, as redes sociais tornam-se instrumentos de luta por meio do qual os indivíduos passam a lutar pelo direito de ser quem e o que desejam no espaço social, podendo inclusive, representar um ato político.

O autor indiano Pramond K. Nayar aborda essa perspectiva das identidades culturais, ora citada tal como um ato político em sua obra “*An Introduction to new media and cybercultures*” (2010). O autor aproxima-se da ideia dos Estudos Culturais<sup>19</sup> e aborda a necessidade de compreender a internet a partir de representações culturais. Ele defende a formação de ciberculturas como um espaço de representação social. Em uma entrevista publicada em dezembro de 2015<sup>20</sup>, Nayar aborda também o papel das tecnologias na formação de identidades culturais e exemplifica o processo por meio da Primavera Árabe:

A resistência agora tem um novo modo, como podemos ver no desenvolvimento das redes sociais nas rebeliões árabes. A tecnologia facilita a resistência, mas não a produz. Então conflitos e rebeliões sociais motivam uma demanda por tecnologias de certos tipos, bem como o uso de determinadas maneiras. É a cultura que impulsiona a inovação (NAYAR, 2015).

---

<sup>19</sup> Abordam que as práticas cotidianas dos indivíduos são essenciais para a formação da identidade das pessoas e das comunidades (MARTINO, 2015)

<sup>20</sup> GROHMANN, Rafael. Cibercultura e estudos culturais na Índia e no mundo. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/341>. Acesso em: 15/09/2019.

Deste modo, compreende-se que os anseios, as lutas, conflitos e paradoxos dos indivíduos estão presentes hoje no ciberespaço, possibilitando transformações. Nesta mesma entrevista, quando questionado sobre raça, gênero e sexualidade nas ciberculturas, o autor ressalta que mesmo que novas identidades surjam, essas identidades preexistentes vão sobreviver:

(...) essas identidades permanecem mesmo na era digital – bem-estar, direito a voto, emprego e benefícios sociais, serviços de saúde – todos requerem esses marcadores de identidade e assim não importa quão flexíveis as novas tecnologias tornam as possibilidades de novas identidades, as mais velhas sobreviverão. E são necessárias. Bem-estar, como política, requer um corpo, e o corpo é marcado sexualmente, racialmente, etnicamente. (Idem, 2015)

No Brasil, há alguns anos, tem sido notável a atuação de grupos identitários nas redes sociais digitais. É neste cenário que estes grupos passaram a lutar por espaço, representatividade e direitos. Assim as lutas identitárias passaram a ocupar o novo espaço público brasileiro.

Escândalos políticos e a falta de mudança nas instituições públicas nacionais corroboraram para o crescimento destes movimentos. Historicamente, as lutas identitárias se intensificaram na década de 1960, mais precisamente ao contexto histórico do ano de 1968, quando movimentos diversos começaram a se organizar. Ressalta-se aqui, que os movimentos dos grupos feministas e negros antecedem este momento (BOSCO, 2017)

O ano de 1968 é marcado por transformações em todo o mundo. No Brasil, vivia-se um contexto de ditadura militar e os efeitos do AI-5, quando a censura se instalou e jovens militantes eram torturados e assassinados. Neste momento, grupos de contracultura e manifestações artísticas, como por exemplo, o tropicalismo, surgiram como forma de resistência.

Todas as lutas que passam a surgir neste momento buscam reconhecimento, representatividade e poder. Para Bosco (2017), de uma maneira geral o reconhecimento ocorre por meio da conquista de direitos, em âmbito jurídico e legal. Entretanto, também é preciso estar atento a outras instâncias:

O direito é o âmbito formal, o reconhecimento firmado em lei, que tem como objetivo a pessoa compreendida em sua dimensão universal, indiferente. Por solidariedade, entendo que se refira ao reconhecimento, por parte de cada indivíduo da sociedade, do sujeito, isto é, do indivíduo compreendido em sua particularidade concreta, em sua identidade, em sua diferença. É esse o campo de luta primordial dos movimentos sociais identitários: o preconceito social, as ideologias originantes do poder masculino, branco, anglo-saxão, heterossexual, cisgênero, que se traduzem naquelas experiências de rebaixamento que afetam seu autorespeito moral e os tornam excluídos da posse de determinados direitos no interior de uma sociedade. (BOSCO, 2017).

Deste modo, as redes sociais tornaram-se um meio de divulgação, luta e reconhecimento dos movimentos identitários. No mundo contemporâneo, o objetivo é a busca por maneiras de combate ao poder dominante na sociedade, ao fim das opressões. Os movimentos buscam, por meio das redes sociais, a conscientização da sociedade para mudar o *status quo*<sup>21</sup>.

#### **4.2) O feminismo: breve contextualização**

O feminismo é um movimento político que tem como principal pauta a libertação das mulheres da opressão exercida pelo patriarcado. Historicamente, o movimento surgiu nas últimas décadas do século XIX, através da luta de mulheres inglesas por direitos políticos e sociais, entre eles o direito ao voto<sup>22</sup> (PINTO, 2010). No Brasil, o feminismo começou a se desenvolver na mesma época e também tinha o voto como principal luta, direito que foi conquistado em 1932. Ressalta-se aqui, contudo, que mulheres lutam por direitos desde o início da história, prova disso é o surgimento de movimentos feministas na época da Revolução Francesa, no século XVIII, e a perseguição que as mulheres sofreram pelos “Tribunais da Inquisição”, na Idade Média. Neste último, cabe ressaltar que muitas foram queimadas e mortas por fugirem aos padrões de sua época.

Os movimentos feministas iniciais perderam força e ressurgiram com novas pautas a partir da década de 1960. Neste intervalo de tempo, a escritora e filósofa francesa, Simone de Beauvoir, publicou o livro “O segundo sexo”,

---

<sup>21</sup> O termo *status quo* refere-se ao “estado em que as coisas se encontram”.

<sup>22</sup> As manifestantes na Inglaterra ficaram conhecidas como as “sufragettes” pois o voto foi o primeiro direito conquistado por elas.

obra que completa 70 anos neste ano e que influenciou toda uma geração de mulheres. Baseado em pesquisas acadêmicas, este livro apresenta informações sobre a mulher em si, questionando os espaços ocupados por mulheres ao longo da história, bem como o que é e foi, ser mulher<sup>23</sup>.

Portanto, o livro de Beauvoir foi uma grande inspiração para a segunda onda do movimento feminista, que surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos. O contexto histórico era de revoluções pelo mundo: a morte de muitos jovens na guerra do Vietnã, surgimento do movimento hippie, revoltas de estudantes em 1968, na França, e o mais importante, o surgimento do anticoncepcional. No Brasil, por sua vez, a segunda onda se desenvolveu a partir da década de 1980, promovida por mulheres intelectuais e de classe média, no contexto de redemocratização.

Nota-se que a segunda onda do movimento feminista surge de um contexto de revoluções, ao redor do mundo e no Brasil, pois o terreno estava fértil para o surgimento de movimentos identitários. Essa segunda onda pregava uma "transformação radical das estruturas da sociedade, o que resultou em uma crítica que integrava economia, cultura e política" (DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS, 2016, p.58).

Desta vez, as pautas levantadas pelas mulheres giravam em torno do conceito de gênero, de questões ligadas ao papel desempenhado pela mulher no núcleo familiar, sexualidade, questões reprodutivas, maternidade, mercado de trabalho, violência doméstica, entre outras<sup>24</sup>. De uma maneira geral, passam a ser questionadas pelas mulheres, todas as formas de poder.

Para o feminismo, o poder é a maneira como o patriarcado oprime a mulher dentro da sociedade, reduzindo seu valor social, quase sempre, à sua capacidade reprodutiva. Seria essa, a mesma força que reforça as ideologias de gênero, limitando as mulheres ao estereótipo da fragilidade e da feminilidade. Deste modo, o feminismo passa a reivindicar uma nova forma de

---

<sup>23</sup> O segundo, sexo, as dúvidas e os por quês sobre ser mulher. Disponível em: <  
<https://www.nexojornal.com.br/especial/2019/05/02/%E2%80%98O-Segundo-Sexo%E2%80%99-as-d%C3%BAvidas-e-os-porqu%C3%AAs-sobre-ser-mulher> >

<sup>24</sup> Idem.

relacionamento entre homens e mulheres, baseado na igualdade de direitos. As mulheres passam a busca liberdade e autonomia sobre seus corpos.

A terceira onda do movimento feminista surgiu na década de 1990, como uma renovação do movimento, e buscou aprofundar as pautas que já haviam sido levantadas anteriormente. O movimento passa a buscar as raízes para os problemas e abandona o status de discurso universal. Neste ponto, as pautas feministas são individualizadas de acordo com as necessidades de determinados grupos.

O feminismo negro, por exemplo, começa a ganhar visibilidade. Passam a surgir recortes de raça, classe e gênero, de acordo com as necessidades específicas de cada grupo. Passa a ser necessário a análise de determinadas questões, através do agrupamento de mulheres negras que, com base em suas experiências e estudos, exercitam um novo olhar sobre as relações de gênero que existem na sociedade. Esse processo é conhecido como interseccionalidade, essencial para que seja possível compreender o papel da mulher negra na sociedade brasileira (DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS, 2016, p.43).

Nas palavras de Sueli Carneiro, a luta das mulheres exige a análise de questões que não se restringem à gênero, há uma necessidade “enegrecer” o feminismo:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em *solidariedade racial* intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros (CARNEIRO, 2003).

E, também cabe ressaltar neste ponto, que o feminismo negro surgiu junto com a segunda onda:

Nesta época, feministas como Angela Davis, Bell Hooks e Lélia Gonzáles apontaram a impossibilidade de desassociar a luta de classes da luta pelo fim do racismo, muitas vezes ignorada por feministas que, com o discurso da "opressão comum" sofrida pelas mulheres, se recusavam a reconhecer a experiência de mulheres que fogem ao padrão branco, universitário e de classe média (DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS, 2016).

Percebe-se que, as opressões atingem as mulheres de maneiras diferentes, é preciso dar voz e visibilidade às mulheres para que o discurso genérico e universal seja rompido. Portanto, o feminismo se consolidou nas últimas décadas como uma luta política no novo espaço público digital, a partir do momento em que mulheres em situações diferentes passaram a ter voz por meio das redes sociais digitais.

#### **4.3) Análise de web-atores e sua atuação no Instagram**

No Brasil, o ciberativismo se consolidou como uma maneira contemporânea de ativismo em um contexto de pós-jornadas de junho, Impeachment, fim do governo do PT e alta polarização política entre esquerda e direita. Todos esses movimentos contaram com a participação da população, seja por meio de suas redes sociais digitais ou reais. Foi dessa efervescência, de momentos tão conturbados, que o feminismo, entre outros movimentos políticos, passou a ganhar destaque como pauta nas redes sociais digitais.

Em alguns momentos, essas redes sofrem com o estigma da superficialidade e do excesso de conteúdos supérfluos. Não é muito incomum, críticas à movimentos sociais no mundo virtual. Entretanto, esses canais permitem a interação direta entre os web-atores e o seu público. O modo como as informações são disponibilizadas, de maneira sucinta e direta, permite alcançar públicos que nunca haviam sido tocados por pautas identitárias, daí a importância do ciberativismo. Torna-se mais atrativo ao internauta acessar um conteúdo nas redes sociais do que ler um texto acadêmico. Trata-se de uma maneira de facilitar o acesso à assuntos densos, para a partir do contato inicial, os seguidores buscarem aprofundamento.

A fim de compreender melhor como esse movimento se dá nas redes sociais, foram escolhidos três perfis no Instagram como estudo de casos para

uma análise de conteúdo: Jéssica Miranda (@petit\_oiseauu), Dara Medeiros (@mulheres.historicas) e Tríscila Oliveira (@afemme1). Foi realizada uma análise qualitativa exploratória do conteúdo ligado à temática do feminismo, disponibilizado pelas ativistas no Instagram em seus *stories*, que estão salvos nos perfis por meio do espaço “destaques”<sup>25</sup>. Todo o conteúdo analisado foi produzido entre dezembro de 2017 e outubro de 2019.

Primeiramente, cumpre ressaltar que foram selecionados os perfis ora mencionados em razão de suas taxas de engajamento (ver *prints* em anexo), que foram medidas através do *ranking* criado pelo site “*Social Blade*”<sup>26</sup>. Segundo o site, a taxa de engajamento é medida com base nas interações que ocorreram nas últimas 20 postagens no *feed* do usuário. Ainda que a ferramenta não meça o engajamento dos *stories* - pois os números de visualizações são privados e apenas o dono do perfil tem acesso - tal análise tornou-se um critério de seleção, pois o engajamento, de uma maneira geral, demonstra a relevância dos perfis selecionados para os seus seguidores.

Uma alta taxa de engajamento representa interação entre os donos dos perfis e seus respectivos seguidores. Por exemplo, a deputada federal Talíria Petrone é uma pessoa pública, conhecida pelas massas, que atua em prol de causas semelhantes às levantadas pelas ativistas aqui selecionadas. Entretanto, sua taxa de engajamento, de apenas 1,39%, perde para a taxa das ativistas selecionadas, conforme verifica-se a seguir:

**Tabela 1 - Taxa de engajamento**

Perfil	Taxa
@petit_oiseauu	6,92%
@mulheres.historicas	2,29%
@afemme1	4,82%

Fonte: socialblade.com

<sup>25</sup> A ferramenta destaque do Instagram, permite salvar os *stories* de maneira permanente. É uma forma de dar relevância a determinado conteúdo, disponibilizando-o aos seguidores, já que os *stories* são perecíveis e somem depois de 24h.

<sup>26</sup> Este site disponibiliza ferramentas gratuitas para medir a taxa de engajamento dos usuários de diversas redes sociais.

Estes números representam a participação dos usuários nas páginas selecionadas e, partindo desse pressuposto, pode-se dizer que esta relação (ativista/seguidor) demonstra identificação com o conteúdo disponibilizado. Ou seja, as pautas abordadas sensibilizam os seguidores de alguma forma e repercutem. A criação de um relacionamento com os seguidores é essencial para a transmissão de um conteúdo, ainda mais quando se tratam de pautas sociais e políticas. A título de curiosidade e comparação, foram pesquisadas as taxas de engajamento de celebridades conhecidas pelas massas, como a Anitta e Neymar, e seus engajamentos são respectivamente: 1,53% e 1,47%. Taxas bem menores do que a ativista com menor taxa selecionada para esta pesquisa (2,29%).

Isto posto, cumpre abordar uma breve descrição sobre os perfis selecionados. A socióloga política Jéssica Miranda, apresenta-se em seu perfil @petit\_oiseauu como filósofa estóica<sup>27</sup> e feminista radical. O seu ativismo é promovido em seu perfil pessoal, onde conta com 54,2 mil seguidores e há 70 destaques, entre os quais nota-se a presença de temas ligados à política, o feminismo, filosofia, história, relacionamento, entre outros.

A ciberativista Dara Medeiros criou o perfil @mulheres.historicas inicialmente com o objetivo de abordar informações políticas e históricas. Porém, com a expansão do número de seguidores, passou a se aprofundar nas questões feministas. Possui em seu perfil, 326 mil seguidores e apresenta 32 destaques, sendo que quase todos abordam o feminismo em essência.

Por fim, também foi escolhido o perfil da ativista negra Tríscila Oliveira, @afemme1. Na sua biografia, aparece o seguinte título sugestivo: “Vamos aprender a desaprender? ”, fazendo uma alusão à quebra de estigmas ligados às mulheres negras no Brasil. O perfil possui 127 mil seguidores e apresenta 65 destaques. Tanto a Dara, quanto a Tríscila, em alguns momentos replicam conteúdos de outros ativistas, mas sempre seguindo a linha temática de seus respectivos perfis.

---

<sup>27</sup> O estoicismo é uma escola filosófica que surgiu na Grécia Antiga. O seu principal preceito é a fidelidade ao conhecimento. Para alcançar os seus objetivos, o filósofo estóico deve levar uma vida pautada nas virtudes e na ética, deixando de lado vícios, os quais são considerados um mal absoluto.

O objetivo desta análise foi compreender de que maneira o movimento feminista está atuando nas redes sociais e qual o papel das narrativas trabalhadas. Para tanto, os principais temas abordados nos destaques foram catalogados nas seguintes categorias: *feminismo negro*, *feminismo radical*, *pressão estética*, *patriarcado*, *política*, *machismo*, *relacionamento*, *gênero*, *empoderamento*, *cultura de estupro*, *maternidade*, *religião*, *LGBT e outros*. Os três perfis também trabalham as outras ferramentas disponíveis no Instagram, tais como vídeos no IGTV, postagens no *feed* e *lives* nos *stories*. Todo conteúdo disponibilizado sempre permeia as temáticas político-sociais.

As postagens que abordam a temática do *feminismo negro* foram verificadas em maior quantidade no perfil @afemme1, gerenciado por Triscila Oliveira. 14% dos destaques mencionam essa temática, e tal fato está ligado ao fato de se tratar de uma ativista negra. Nessa temática, a ativista aborda questões ligadas ao *blackfishing* (termo que se refere a atualização do conceito de *black face*, ou pintar o rosto de negro), fala sobre *palmitagem* (termo que se refere ao relacionamento entre homens brancos e mulheres negras), colorismo e pardismo (abordando questões ligadas a políticas de embranquecimento da população, bem como o embranquecimento de personagens negros da história).

Neste ponto, cabe ressaltar que o *feminismo negro* aborda outras questões e lutas, enquanto movimento social. A questão envolve temas que perpassam a questão da luta por direitos iguais, comum ao feminismo:

Quando falamos de fazer um recorte de raça, divisão de movimento social não é a proposta. Não há intenção de sobrepor a raça a tudo que já se discute acerca de violência, mercado de trabalho, liberdade sexual, maternidade. O que se reivindica é o direito de falar da realidade das mulheres negras no âmbito desses temas. **Se existem mais mulheres negras do que brancas sofrendo violência obstétrica, tratar dessa questão não visa a jogar por debaixo do tapete o problema geral, mas entender que esse dado pode demonstrar que o racismo faz vitimas bem definidas no sistema de saúde.** (DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS, 2016) (grifou-se)

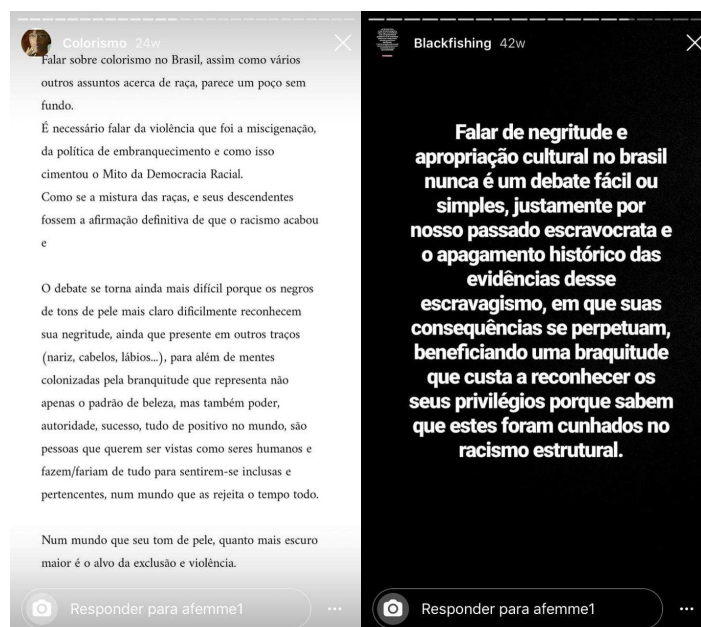
Há uma grande diferença entre as pautas pleiteadas nas redes sociais. O *feminismo negro*, antes da luta pela igualdade, enfrenta questões sociais,

tais como o racismo. Em um texto escrito por Triscila Oliveira e disponibilizado por meio de seu perfil no Instagram, a ativista explica a questão do “*blackfishing*”, ressaltando diferenças simples que marcam o abismo que existe entre as vertentes do feminismo branco e negro.

**Mulheres negras nunca estiveram no mesmo patamar de igualdade das brancas, e exemplificarei isso com algo bastante simples: Enquanto elas estão se redescobrimo sem maquiagem, de cara lavada, nós negras estamos nos descobrimo com maquiagem, pela primeira vez com tons para a nossa pele. É um momento sensível de transição mental, redescobrimo, aceitação e construção da nossa autoestima. Ver famosas brincando de se parecer conosco é desrespeitoso e machuca (OLIVEIRA, 2019) (grifou-se)**

Parece algo supérfluo falar sobre maquiagem, mas a reflexão é necessária. Mulheres brancas, desde o início da história, tiveram acesso a produtos para o seu tom de pele, e isso nunca foi uma preocupação. As mulheres negras eram escravas, e por isso seguiram rejeitadas por esse nicho de mercado durante tanto tempo. A seguir, seguem exemplos de como as temáticas ligadas ao feminismo negro são trabalhadas no perfil @afemme1:

**Figura 2**

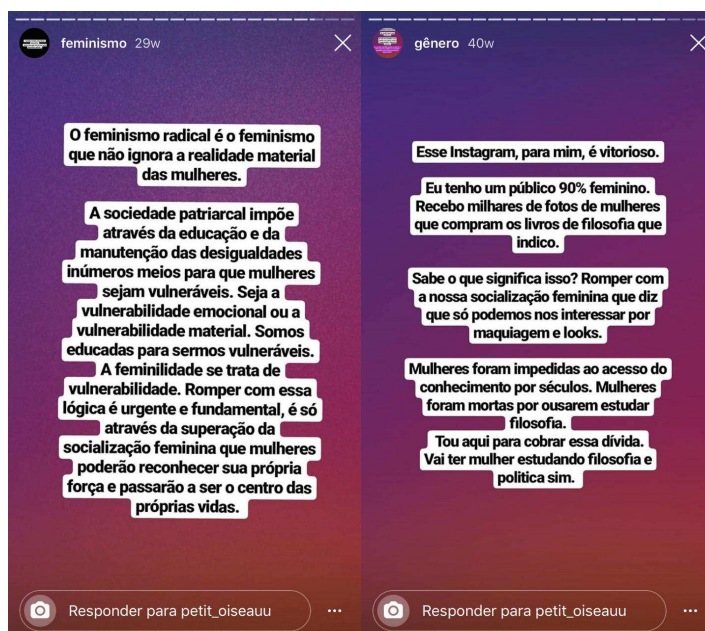


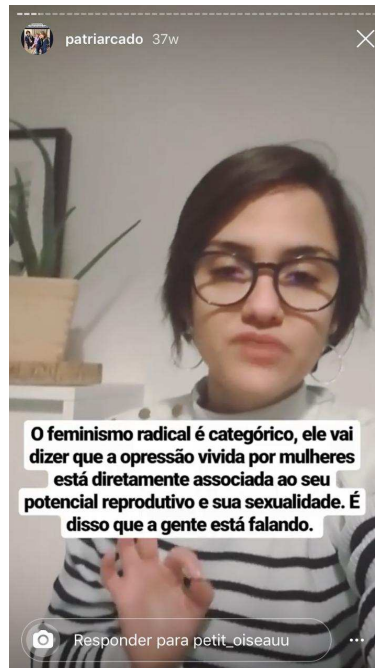
Fonte: @afemme1

Na categoria *feminismo radical*, por sua vez, o perfil @petit\_oiseuu se

destacou com 18% das postagens mencionando alguma pauta ligada a temática, haja vista que sua administradora se apresenta desta forma, como feminista radical. Além disso, Jéssica Miranda discute questões como patriarcado, gênero, pedofilia, pornografia, socialização feminina, masculinidade tóxica, transfobia, entre outros. Há muitas críticas da ativista ao feminismo promovido pela esquerda brasileira atualmente. Afirma, com frequência, que houve uma “apropriação das pautas feministas pelo capitalismo”. Ainda sobre feminismo radical, em quase todos os *stories*, nos quais aborda o assunto, Jéssica ressalta que a principal pauta desta corrente é o controle reprodutivo e da sexualidade da mulher, tal como é possível notar seguintes *prints* retirados de seu perfil:

**Figuras 3 e 4**





Fonte: @petit\_oiseauu

Na categoria *pressão estética*, são abordadas questões ligadas à autoestima da mulher, como, por exemplo, pressão para emagrecer, preconceito com corpos gordos (gordofobia), aparência, depilação, sexualidade e distúrbios de imagem. Os três perfis apresentaram postagens sobre esse tema. O que muda de um para o outro é a abordagem, o perfil @mulheres.historicas traz uma abordagem sob a perspectiva da gordofobia e de distúrbios de imagem, enquanto o perfil @afemme1 aborda questões ligadas à estética negra, tal como cabelo afro e questões estéticas da mulher negra. A mesma lógica foi percebida na categoria “empoderamento”, pois essa pretendia elencar assuntos ligados a autoafirmação da mulher.

A categoria *patriarcado* aborda questões sociais que colaboraram para opressão da mulher na sociedade. O tema aparece com mais frequência no perfil das ativistas brancas, @mulheres.historicas e @petit\_oiseauu, principalmente dentro dos destaques que trabalham a questão do feminismo radical. Tal como já foi mencionado, as pautas dos feminismos branco e negro se diferenciam, o perfil @afemme1 mostra-se engajado na causa das mulheres negras e na luta contra o racismo, deixando de abordar temáticas ligadas a questão de gênero.

Os três perfis mostraram-se ativos no que diz respeito à categoria *política*. Elas apresentam com frequência suas opiniões acerca da política nacional, bem como críticas a determinados políticos, corrupção, questões e pautas de direita ou esquerda e conservadorismo. Em diversos momentos, pautas políticas e as demais temáticas trabalhadas se misturam nos debates propostos. No perfil @mulheres.historicas, 10% do conteúdo foi pautado sob a perspectiva política, com assuntos que envolvem manifestações contra o atual presidente Jair Bolsonaro, explicações sobre sistema político e corrupção. Já o perfil @petit\_ouiseauu apresenta críticas à esquerda brasileira, bem como explicações sobre governos, manifestações, críticas ao Bolsonaro e aos seus eleitores (existe um destaque nomeado “bolsominion”, fazendo referência aos eleitores e seguidores do atual presidente), análise de projetos de lei e críticas específicas a políticos e a sociedades conservadoras, de uma maneira geral.

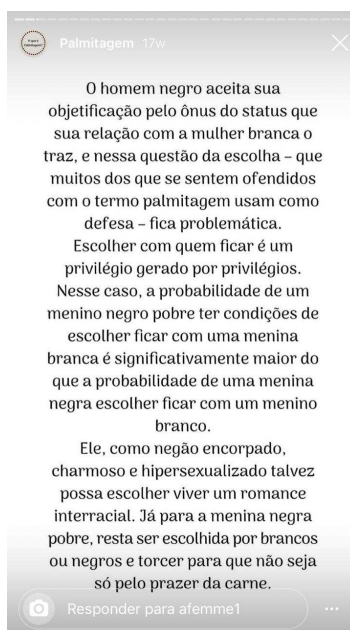
Por fim, no perfil @afemme1 podem ser lidas críticas ao atual presidente e a situações ligadas à desigualdade social e racial, corporativismo militar (quando aborda o massacre do Carandiru) e também questões ambientais. O perfil aborda a política ainda em momentos nos quais realiza uma análise do episódio do jovem negro assassinado no supermercado Extra, no Rio de Janeiro, e comenta questões como o *black face*.

No caso da Jéssica Miranda e da Triscila Oliveira, em razão da especificidade de alguns assuntos trabalhados, foi inserida respectivamente duas novas categorias de análise: a *filosofia* e o *racismo*. As postagens de ambas as páginas abordam as temáticas ora citadas. Por exemplo, as análises políticas da Jéssica Miranda, com frequência abordam uma perspectiva filosófica, assim como o conteúdo publicado por Triscila Oliveira, principalmente no que tange ao feminismo negro, abordando a pauta do racismo. Tanto que, respectivamente, as temáticas apareceram na porcentagem de 18% e 13% nos perfis citados.

O perfil que se sobressaiu em mencionar a temática do *machismo* foi o

@mulheres.historicas, com 8% dos destaques mencionando diretamente<sup>28</sup> o tema. Essa categoria perpassa quase todos os assuntos ligados ao feminismo, mas se sobressai quando são abordados assuntos tais como masculinidade, relacionamento entre homens e mulheres e socialização feminina. *Relacionamento* foi uma categoria que se destacou nos três perfis, cada um com sua abordagem específica. Enquanto os perfis @mulheres.historicas e @petit\_ouiseauu preocupam-se com relacionamentos abusivos e dominação do homem sobre a mulher, o perfil @afemme1, além de abordar tais temas, aborda o relacionamento através da questão de raça, principalmente no destaque intitulado “palmitagem”:

**Figura 5**



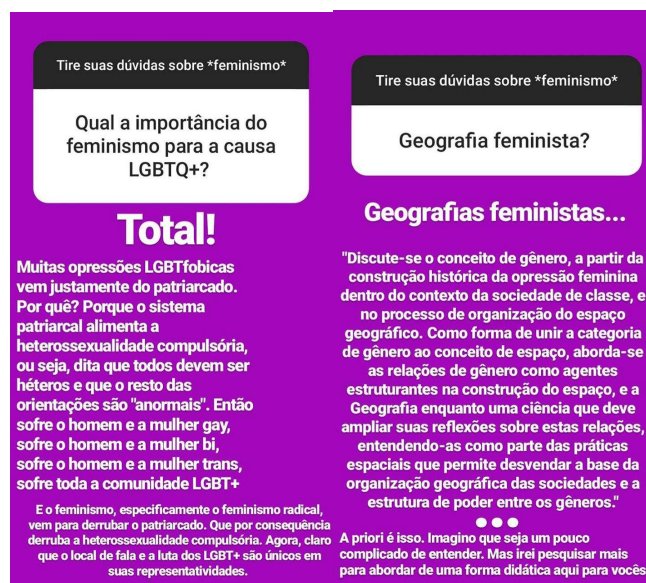
Fonte: @afemme1

A categoria *gênero*, obviamente, foi uma preocupação maior para as ativistas brancas, pois como já mencionamos a questão do feminismo negro é mais densa do que apenas a questão de gênero e opressão da mulher, envolve mudanças estruturais na sociedade e reflexões sobre racismo. As categorias *cultura de estupro*, *maternidade* e *religião* apareceram de maneira dispersa,

<sup>28</sup> Ainda que se tratem de perfis feministas, nem sempre as temáticas giram em torno do machismo propriamente dito. Há questões mais densas, ligadas a posição da mulher na sociedade, tal como a socialização feminina e questões ligadas à gênero.

sendo citadas principalmente quando as ativistas abrem a caixa de dúvidas<sup>29</sup> para que seguidores possam interagir.

**Figura 6**



Fonte: @mulheres.historicas

A categoria *outros*, nos três perfis, foi designada para referir-se às dicas de livros, filmes, músicas, anúncios e temas que não se enquadravam em nenhuma das categorias elencadas. As três abordam diversos assuntos com seus seguidores, tal como uma conversa informal, sempre com o propósito de explicar, acrescentar e esclarecer diversas pautas. Isso fica claro por meio dos destaques de dicas, nos quais são disponibilizados livros, filmes e autores diversos para abordar os assuntos trabalhados.

Nos gráficos a seguir, observam-se alguns dados relacionados aos três perfis que foram acompanhados para esta pesquisa – Jéssica Miranda (@@petit\_oiseauu), Dara Medeiros (@mulheres.historicas) e Tríscila Oliveira (Afemme1) - e que serviram para a coleta e comparação da pesquisa empírica efetuada:

**Figura 7 – Jéssica Miranda**

<sup>29</sup> Ferramenta disponível no stories do Instagram, por meio da qual o dono do perfil pode interagir com seus seguidores, recebendo perguntas e comentários, que posteriormente podem ser respondidos.

### Petit Oiseauu

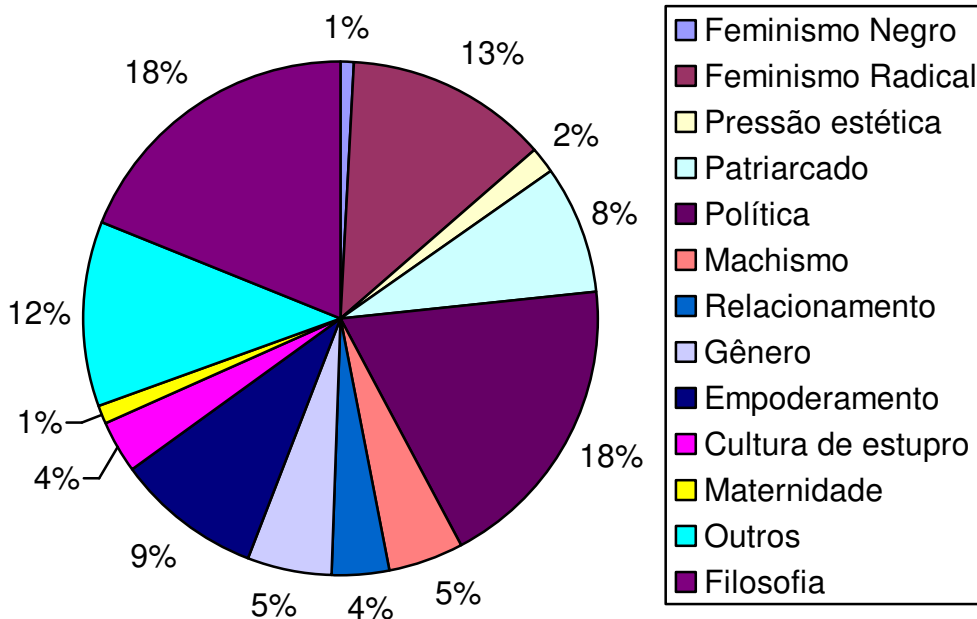


Figura 8 – Dara Medeiros

### Mulheres Históricas

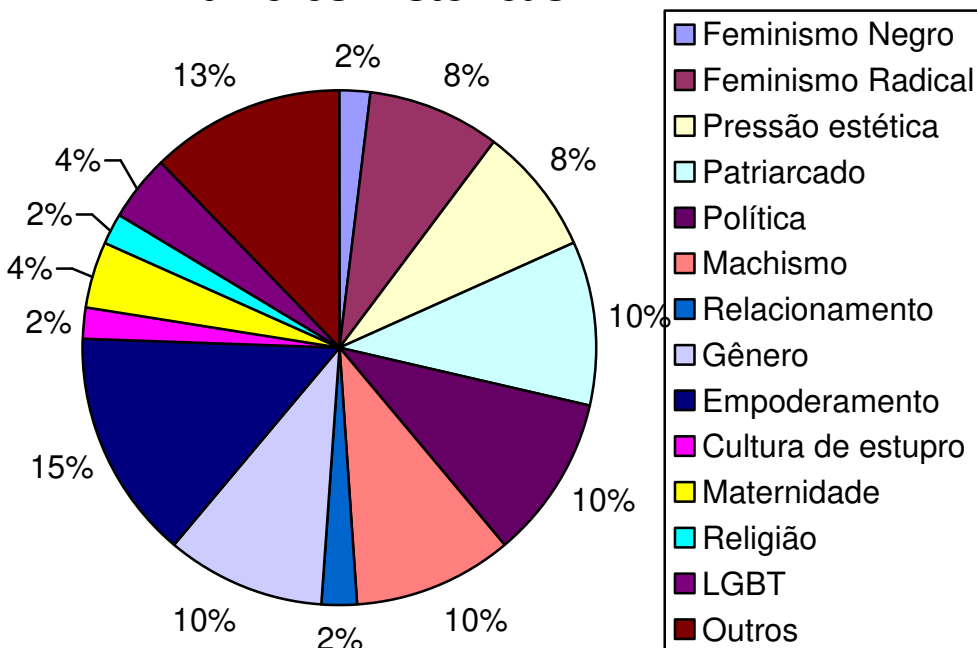
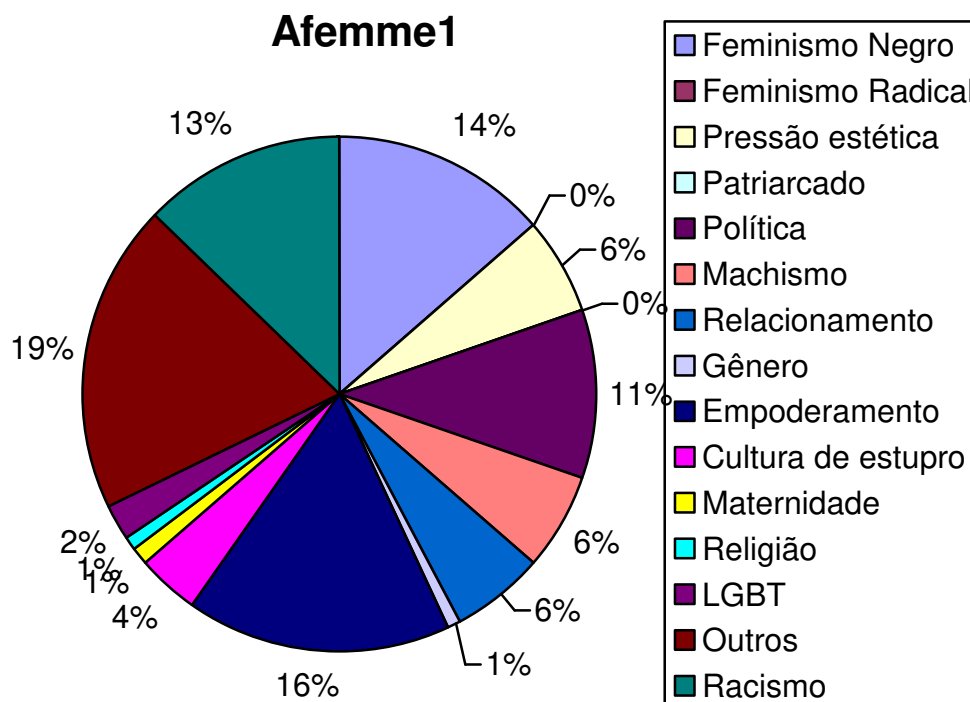


Figura 9 – Triscila Oliveira



Percebeu-se, através da análise, que o principal objetivo do feminismo exercido via aplicativos digitais, no atual cenário político brasileiro, é desmistificar e contextualizar pautas para as massas. Ainda que estas pautas não sejam trabalhadas de maneira aprofundada, as redes sociais funcionam como um meio de aproximar mulheres do movimento feminista, já que as ativistas explicam constantemente pautas básicas para compreensão dos princípios essenciais do movimento feminista.

Para Martino (2018), esse tipo de política de afirmação de identidade nas redes sociais digitais funciona como uma maneira de dar visibilidade à problemas sociais, abrindo espaço para a discussão de uma causa ou para reivindicação sobre questões de poder que acontecem no espaço *off-line*. Um *blog* ou perfil em rede social que marque posição a respeito de um estilo de vida, segundo o pesquisador, pode ser entendido como um ambiente político - a identidade em público torna-se um problema político (MARTINO, 2018).

Nesse entendimento acerca da perspectiva política dos discursos promovidos pelas ativistas, cumpre destacar os temas mais abordados entre os perfis selecionados. O perfil @afemme1 apresentou mais publicações que permearam as seguintes categorias: *empoderamento* (16%), *feminismo negro* (14%) e *racismo* (13%). Tais números ligam-se ao segmento de atuação da ativista, o qual gira em torno da causa negra e do racismo, e que em sua essência está ligado à estrutura da sociedade, conforme já demonstrado. O perfil @mulheres.historicas destacou-se nas seguintes categorias: *empoderamento* (15%), *gênero* (10%), *machismo* (10%) e *patriarcado* (10%); e o perfil @petit\_oiseauu destacou-se nas seguintes categorias: *feminismo radical* (13%), *política* (18%), *filosofia* (18%) e *empoderamento* (18%). Seguindo a mesma lógica do que o perfil @afemme1, os dois perfis seguintes também se destacaram em questões essenciais para a construção do feminismo em suas respectivas bolhas de interesses.

Chamou atenção a categoria *empoderamento*, que apareceu com destaque nos três perfis. As três ativistas abordam a temática de maneira intensa, sempre abordando questões relativas às suas bolhas. Por exemplo, @afemme1 aborda com frequência o empoderamento da mulher negra, @petit\_oiseauu ressalta a luta da mulher contra a socialização feminina e as questões de opressão de gênero, e o perfil @mulheres.historicas aborda com frequência a questão do empoderamento dos corpos gordos. Ressalta-se aqui, que a fundadora do perfil, Dara Medeiros, apresenta inclusive em alguns destaques, depoimentos pessoais sobre a sua relação com o peso e a pressão social que existe para emagrecer.

Além disso, notou-se algo em comum entre os três perfis, em alguns momentos as ativistas promovem críticas a uma apropriação do *empoderamento* pelo feminismo liberal. Questionam marcas e campanhas que visam incentivar a mulher a se empoderar, porém com objetivo de lucrar. Citam os exemplos: batons criados em campanhas de grandes marcas do setor de beleza e calças jeans que só vestem corpos magros. Produtos anunciados como apoiadores do feminismo e instrumento de empoderamento da mulher, mas que segundo os perfis analisados possuem a real intenção de lucrar.

Nessa lógica, o feminismo deixa de ser um movimento coletivo, com foco nas desigualdades estruturais e torna-se um chamado a uma revolução destinada ao empoderamento individual de cada mulher (LEAL, apud, DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS, 2016). Sobre isso, cabe ressaltar:

O apelo à imagem é essencial para fisgar consumidoras. Afinal, compramos aquilo com o que nos identificamos. O que se vende não é um produto, mas uma ideia: aquilo que a marca promova em nós. (...) Não nos vendem roupas, maquiagens, mas a possibilidade - quase nunca alcançada - de sermos aquilo que não somos agora (por não usarmos aquele produto, claro). Assim, a ideia de mulher moderna, forte, dona de si, enfim, empoderada, é estampada na publicidade. (DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS, 2016)

As ativistas conseguem, por meio de suas redes sociais, conversar diretamente com o público sobre suas próprias realidades e sobre a realidade da mulher, de uma forma geral, apresentando narrativas que se aproximam das massas e que funcionam como uma maneira de ilustrar a real necessidade do feminismo para a conquista de direitos, mostrando que muitas vezes os discursos de mulheres poderosas que conquistaram tudo, podem ser prejudiciais. A mídia difunde uma falsa ideia de que é fácil ser exceção à regra, enquanto apenas 4,6% das quinhentas maiores empresas do mundo são lideradas por mulheres (DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS, 2018).

Ou seja, as narrativas de sucesso que são produzidas pelas mídias tradicionais, normalmente abordam notícias que são exceção, e transmitem a ideia de que as mulheres não têm mais obstáculos para vencer. Em contrapartida, as poucas mulheres que sobem na vida, normalmente têm privilégio de raça e classe. Neste ponto, cabe ressaltar:

Em tempos de recessão, as mulheres são também as que mais sofrem. De acordo com dados do IBGE, de janeiro a novembro de 2015, a taxa de desemprego feminino chegou a 7,9% enquanto a média geral foi 6,8%. Para mulheres negras, foi de 9%. As mulheres entre 18 e 49 anos, em sua maioria compreendidas no que se determinou como faixa reprodutiva (15-44 anos) são as mais afetadas. 26%, em comparação com 19,7% dos homens dessa faixa, estão desempregadas. Nas empresas ainda somos as maiores vítimas de

assédio. (Idem, 2016).

Portanto, nota-se que mídia tradicional normalmente se pauta em mulheres que são exceções à regra. É extremamente importante que mulheres poderosas da história, como Margareth Thatcher, Dilma Rousseff, Michele Obama, entre tantas outras, sejam lembradas e tenham suas narrativas repercutidas pela mídia. Entretanto, mulheres comuns que lutam no dia a dia para realizar suas conquistas também precisam de representantes que gerem identificação. Daí a necessidade do ativismo nas redes sociais digitais promovido por atores sociais.

Deve-se sempre lembrar, mais uma vez, que mulheres negras ainda precisam superar obstáculos sociais que nunca serão problemas para mulheres brancas. Para Bell Hooks (2015), a promoção da supremacia branca deve ser reconhecida e discutida, principalmente quando estamos falando de um Estado racista, sexista e capitalista:

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que "todas as mulheres são oprimidas". Essa afirmação sugere que todas as mulheres sofrem a mesma sina, que fatores de classe, raça, religião, preferência sexual, etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de uma mulher. O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções. (HOOKS, 2015)

A partir dessa reflexão promovida por Bell Hooks, é possível compreender a necessidade da segmentação do feminismo e das lutas identitárias, bem como a divulgação através da mídia, da realidade vivida por mulheres, e não apenas as conquistas que não representam o movimento como um todo. É preciso que o feminismo seja compreendido por inteiro, através de todas as suas lutas, pois somente assim será possível acabar com as desigualdades do nosso sistema, sejam elas políticas, econômicas ou sociais.

## 5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa analisou o desenvolvimento do ativismo político promovido por feministas nas redes sociais, suas possíveis transformações na sociedade e o seu poder de comunicação enquanto luta identitária. O objetivo foi compreender como essas ativistas se comportam no novo espaço público digital e se elas atuariam de maneira colaborativa para a construção do jornalismo. O ponto de partida foi a falta de representatividade que existe na mídia.

Ao partir da premissa de que existe uma lacuna nos meios de comunicação no que diz respeito à representatividade, considerou-se pertinente realizar a análise do modo como web-atores realizam o processo de autocomunicação na internet, por meio das redes sociais digitais. Após eventos políticos conturbados que marcaram não só o nosso país, como todo o mundo, as redes sociais digitais emergiram como um canal de interação, por meio do qual os indivíduos passaram a se conectar e mobilizar, independentemente da localidade.

O poder de comunicação nas redes sociais digitais ultrapassa a geografia e, muitas vezes, sendo capaz de influenciar milhares de pessoas ao mesmo tempo. O feminismo, assim como diversas outras lutas que precisam de visibilidade, apropriou-se do universo digital para propagar suas pautas, e as redes sociais digitais tornaram-se uma forma eficaz de promover visibilidade e fortalecer a luta do movimento.

Considerando a interatividade existente na rede social Instagram, buscou-se delimitar essa pesquisa através da análise do conteúdo disponibilizado pelas ativistas por meio da ferramenta *stories*. Como demonstrado, o material disponibilizado nesta ferramenta parece após 24 horas, razão pela qual o conteúdo ora analisado foi salvo pelas ativistas por meio da ferramenta destaques.

Inicialmente, foi apresentada uma breve evolução da internet, desde o surgimento, por meio de uma análise das fases da web 1.0 e 2.0. A partir disso, foi demonstrada também as fases do webjornalismo, sua evolução e principais

características. Este capítulo conta também com um panorama da relação do fazer jornalístico na era das redes sociais digitais, apresentando de que possível maneira esses novos canais digitais influenciam no trabalho do jornalista, principalmente em razão da produção autônoma de conteúdo.

Em seguida, buscou-se apresentar um breve panorama da cultura de convergência, demonstrando como esse fenômeno liga-se ao fato de que todo indivíduo pode ser um possível produtor de conteúdo nas redes sociais digitais. Esses indivíduos que produzem conteúdo de maneira autônoma foram apresentados neste capítulo como web-atores (Ramonet). Os web-atores produzem conteúdo com base na realidade da qual são testemunhas. Ou seja, eles dominam um determinado assunto que faz parte da sua realidade e do seu cotidiano, o que, de certo modo, torna muitos deles especialistas.

Estes web-atores passaram a ocupar seus lugares de fala e levantar questões importantes relativas às suas realidades. Pautas como preservação do meio ambiente, defesa de recursos naturais, diversidade cultural, feminismo, política em geral, entre outras, ganharam espaço e transformaram o conteúdo produzido em *ciberativismo*. Essa produção de conteúdo autônoma e nova forma de fazer ativismo nas redes sociais digitais alterou o modo de participação política dos indivíduos na sociedade.

Por fim, foram abordadas as lutas identitárias e apresentada uma breve contextualização sobre o feminismo. Além disso, foi apresentado o estudo de caso, propriamente dito, por meio da análise de conteúdos coletados nos perfis das ativistas selecionadas. Foi observado o conteúdo disponibilizado, bem como a linguagem usada. De uma maneira geral, a linguagem é acessível às massas e permitindo a compreensão do conteúdo abordado, mesmo por indivíduos não especialistas no assunto.

O Instagram apresenta-se como uma ferramenta de identificação para mulheres, por meio da qual torna-se possível entrar em contato com diversas pautas políticas e feministas. Ou seja, as ativistas articulam, por meio da rede social digital, temas relevantes para a vida da mulher em sociedade. Ainda que existam controvérsias quanto à real eficácia da internet enquanto forma de

democratização de conteúdo, as novas tecnologias tornaram-se um meio de promover ação política. Portanto, através deste trabalho, foi possível identificar a internet como uma possível ferramenta de transformação social.

O ciberativismo promovido pelas ativistas, ora analisadas neste trabalho, pode contribuir para a construção do debate na nova esfera pública, de maneira a complementar o trabalho promovido pelo jornalismo. Dar atenção a este novo tipo de debate tornou-se essencial para compreender as demandas sociais que existem em nossa sociedade. De maneira específica, no que diz respeito ao feminismo, essas ferramentas podem se tornar meios de empoderamento das mulheres na luta por direitos e igualdade.

Conforme foi demonstrado, ainda que não tenham uma forte representação na mídia, os web-atores possuem engajamento e atuam próximos aos seus seguidores. Com base no problema levantado no início desta pesquisa, conclui-se que os web-atores não passaram a concorrer com os jornalistas, mas sim a complementar o seu trabalho.

Os discursos, ora analisados, aproximam-se das mulheres brasileiras e representam a realidade, diferente do que normalmente é pautado pela mídia tradicional, que vem colocando a mulher em posição de poder, mesmo quando ainda existem muitos direitos a serem conquistados, principalmente quando falamos sobre a luta do *feminismo negro*. É importante que exista essa troca e, mais ainda, que exista representação e identificação.

A partir do momento em que as mulheres se sentem representadas por lutas identitárias, uma rede é formada para pleitear de maneira conjunta as pautas do movimento. A promoção do feminismo por meio das redes sociais digitais tornou-se relevante para a conscientização e para a luta por direitos, promovida pelo movimento. É uma forma de dar publicidade ao momento e de empoderar mulheres de maneira real eficaz.

## 6. REFERÊNCIAS

BOSCO, Francisco. **A vítima tem sempre razão?** Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. Rio de Janeiro, Todavia, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: <https://rizoma.milharal.org/files/2013/05/Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 20/10/2019

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento.** Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008) > Acesso em 22/10/2019.

CARVALHAL, Márcia; FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Democracia E Ativismo Político-Social No Contexto Dos Ciberterritórios.** Disponível em: < <http://noosfero.ucsal.br/articles/0009/2533/democracia-e-ativismo-pol-tico-social-no-contexto-dos-ciberterrit-rios-m-rcia-carvalhal-e-maria-helena-ochi-flexor.pdf> > Acesso em: 15/03/2019

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet.** 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORREA, Elizabeth Saad e BERTOCCHI, Daniela. **A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: websemântica, algoritmos, aplicativos e curadoria.** *Revista da Universidad Autónoma del Estado de México.* Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/1430/143023787006> > Acesso em: 15/03/2019.

DE LARA, RANGEL, MOURA, BARIONI, MALAQUIAS. **#Meu amigo secreto: feminismo além das redes (Não me Kahlo)** - 1 ed - Rio de Janeiro, edições Rio de Janeiro, 2016.

DI FELICE, Massimo. **Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais.** Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/11339> > Acesso em: 12/09/2019.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete e ROZA, Erick. **Net-Ativismo: Redes digitais e novas práticas de participação**. Papirus Editora: Campinas, 2019.

DORNELAS, Raquel. **Um jornalismo para chamar de meu? Algoritmos e o fenômeno da customização de notícias**. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/713-2194-1-PB.pdf > Acesso em: 13/05/2019

FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação**. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103- > Acesso em 15/03/2019.

GIL, Henrique Teixeira. **A passagem da Web 1.0 para a Web 2.0 e ... Web 3.0: Potenciais consequências para uma humanização em contexto educativo**. Disponível em: < https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2404/1/A%20passagem%20da%20Web%20Henrique.pdf > Acesso em: 26/10/2019

GROHMANN, Rafael. **Cibercultura e estudos culturais na Índia e no mundo**. Disponível em: http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/341. Acesso em: 15/09/2019.

HABERMAS, Jürgen. **MUDANÇA ESTRUTURAL DA ESFERA PÚBLICA – INVESTIGAÇÕES QUANTO A UMA CATEGORIA DA SOCIEDADE BURGUESA**. Tradução, Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOOKS, Bel. **Mulheres Negras: nadando a teoria feminista**. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf > Acesso em: 24/10/2019.

ITUASSU , Arthur; LIFSCHITZ, Sergio; CAPONE, Letícia; MANNHEIMER, Vivian. **“POLITICS 3.0”? De @realDonaldTrump para as eleições de 2018 no Brasil**. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/2018\_ituassu\_politics\_eleicoes\_brasil.pdf > Acesso em: 15/05/2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph: 2009.

LEITE, Paula. **Protocolo que deu a cara da internet , World Wide Web chega aos 30 anos**. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/tec/2019/03/protocolo-que-deu-a-cara-da-

internetworld-wide-web-chega-aos-30-

anos.shtml?loggedpaywall?loggedpaywall > Acesso em: 09/04/2019

LINS, Bernardo Felipe Estellita. **A evolução da Internet: uma perspectiva histórica.** Disponível em: <

[http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48\\_art01\\_hist\\_internet.pdf](http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf) >

Acesso em: 14/05/2019.

MARINONI, Bruno. **Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil.** Disponível em: <

<http://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Projeto-FES-Artigo-concentracao-meio.pdf>. 2015 > Acesso em: 15/03/2019

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes.** 2ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias da Comunicação: ideias, conceitos e métodos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MEDEIROS, Jackson da Silva. **Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política.** Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v25n1/a03v25n1.pdf> > Acesso em: 10/04/2019

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** Disponível em: <

[file:///C:/Users/User/Downloads/Luciana-Mielniczuk%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Luciana-Mielniczuk%20(2).pdf) > Acesso em: 28/03/2019

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web.** Disponível em:

[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1000.PDF](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1000.PDF)

MOUALLEM, Laila; OLIVEIRA, Jéssica e FALCÃO, Guilherme. **"O Segundo Sexo": as dúvidas e os porquês sobre ser mulher.** Disponível em: <

<https://www.nexojornal.com.br/especial/2019/05/02/'O-Segundo-Sexo'-as-dúvidas-e-os-porquês-sobre-ser-mulher> > Acesso em: 20/10/2019.

O'REILY, Tim. **O que é Web 2.0 Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software.** Disponível em: <

<https://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf> > Acesso em: 25/10/2019.

PALÁCIOS, Marcos. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro.** Disponível em: <

[https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_mapeamentojol.pdf](https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf) > Acesso em: 20/03/2019

PAZ, Aline Amaral. **Comunicação em rede a partir dos conceitos: participação significativa, autonomia ampliada e autocomunicação de massas**. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/3-15.pdf> > Acesso em: 14/05/2019

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> > Acesso em: 20/10/2019.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do Jornalismo**. Publisher Brasil: 2012.

RECUERO, Raquel. **"Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais**. Disponível em: < <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sbpjorreacuero.pdf>> Acesso em: 13/05/2019

RECUERO, Raquel. **A Conversação Como Apropriação Na Comunicação Mediada Pelo Computador**. 2012. Disponível: < <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf> > Acesso em: 10/04/2019

RECUERO, Raquel. **A rede é a mensagem: Efeitos da difusão de informações nos sites de rede social**. 2012. < Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf> > Acesso em: 10/04/2019

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela, SOARES, Felipe Bonow. **Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no twitter**. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166193/001047200.pdf?sequence=1> > Acesso em: 15/05/2019.

**Apêndice 1 – Tabela com principais dados abordados pelos destaques do perfil @mulheres.históricas**

<p>@MULHERES.HISTORICAS (Dara Medeiros)</p>	<p>ASSUNTO ABORDADO</p>	<p>CATEGORIAS</p>
<p>DESTAQUES</p>		
<p>1. RECOMENDAÇÃO</p>	<p>Stories com anúncios de perfis que são parceiros do @mulheres.historicas</p>	<p>Outros</p>
<p>2. FEMINISMO</p>	<p>Apresenta vídeos falando que uma mulher não pode ser contra pautas como aborto, ser gordofóbica, ser racista e, ao mesmo tempo, ser feminista; Aborda questões ligadas ao empoderamento; crítica o liberalismo e ressalta que feminismo não é sobre escolha. Cita Bell hooks; afirma que o feminismo é um movimento que pretende libertar as mulheres das estruturas</p>	<p>Pressão estética, feminismo radical, machismo, empoderamento, política</p>

	hierárquicas, define o feminismo como pauta de esquerda.	
3. LIVROS	Indicação de livros feministas das seguintes autoras: Bell hooks, Simone de Beauvoir, Ângela Davis, heleieth i. b. saffioti, Betty friedan, Djamila Ribeiro.	Outros
4. CASTRAÇÃO QUÍMICA	Fala sobre essa prática que está associada a cultura de estupro, apresenta como uma ideia defendida pelo Bolsonaro.	Cultura de estupro
5. FEMINISMO RADICAL	Apresenta uma definição do feminismo radical, explica formas de controlar a mulher politicamente através de sua biologia, fala sobre patriarcado, gênero, sexo, biologia. Apresenta trechos de vídeos da Simone de Beauvoir, fala sobre violência obstétrica, também apresenta trechos de um vídeo da Linda Bellos (fala que as pautas do feminismo foram sequestradas por mulheres brancas) e aborda possíveis formas de abolir o gênero.	Patriarcado, feminismo radical, gênero, maternidade e cultura de estupro
6. FACEBOOK	Rede social da dona do perfil.	Outros
7. EMPODERAMENTO	Explica o que é, cita	Empoderamento,

	Paulo Freire e argumenta que o capitalismo se apropriou do termo empoderamento para lucrar através da venda de artigos que aparentemente são feministas.	política
8. PARTO	Fala sobre violência obstétrica, crítica a cesariana e o modelo patriarcal, fala das vantagens do parto humanizado e apresenta taxas da OMS, pois mulheres negras são as que mais morrem em partos.	Maternidade
9. FILMES/ DOCUMENTÁRIOS	Realiza a indicação de filmes, séries e documentários que abordam a temática feminista.	Outros
10. CORPO GORDO	Fala sobre emagrecer, aborda questões ligadas a padrão estético, gordofobia, distúrbio de imagem, aborda também questões relacionadas ao uso de anticoncepcional, ódio ao corpo e relatos de seguidoras que passaram pela mesma situação.	Pressão estética, empoderamento
11. FEMISMO	Explica o que é (contrário de machismo) e cita estruturas patriarcais que oprimem as mulheres.	Machismo, patriarcado, gênero

12. RAD. X TRANS	Fala que não se considera feminista radical. Porém, aborda questões ligadas ao feminismo radical e a mulheres trans. Ressalta que a maior crítica do feminismo radical é ao gênero, ao controle da capacidade reprodutiva da mulher. Cita Simone de Beauvoir.	Feminismo radical, gênero, patriarcado
13. CAPACITISMO	Fala sobre o preconceito contra pessoas com deficiência ou limitações. Afirma que mulheres com capacitismo sofrem ainda mais opressão e ressalta a fala de minorias, que também são consideradas incapazes e são constantemente oprimidas.	Empoderamento
14. COMIDA	Disponibiliza receitas	Outros
15. EU IMPOSTORA	Replica stories da Jéssica Miranda: fala sobre mulheres que sofrem a crise de impostoras e são submissas. Aborda questões ligadas a feminilidade, pressão estética e ao sentimento de incapacidade.	Empoderamento
16. CORRUPÇÃO	Replica stories de Tatiana Fogaça: fala sobre o PT, estruturas	Política

	<p>políticas do Brasil, fala sobre posturas da ex-procuradora Raquel Dodge, apresenta uma breve explicação sobre eventos políticos no Brasil, afirma que o PT não criou corrupção e que o Bolsonaro não está imune a ela.</p>	
17. OUTUBRO ROSA	<p>Stories de conscientização sobre o câncer de mama.</p>	Outros
18. GORDOFOBIA	<p>Aborda questões estéticas ligadas ao corpo gordo, tais como empatia, neurose, aceitação, transtornos de imagem, doenças como anorexia e bulimia, relato de seguidoras, importância do feminismo nesse processo de desconstrução de estereótipos de imagem, saúde física e mental da mulher.</p>	Pressão estética
19. DUVIDAS	<p>Disponibiliza um box para tirar dúvidas dos seus seguidores sobre feminismo. Há perguntas sobre “feminismo e religião”, e questionamentos tais como: homem pode ser feminista, idade para ser feminista, rivalidades entre mulheres, lgbtq+.</p>	Religião, LGBT, relacionamento, feminismo radical

	relacionamento abusivo, prostituição vertentes de feminismo, transexualidade, aborto (diferença entre legalização do aborto e ser a favor do aborto), feminismo radical, liberal, feminismo de esquerda, machismo e política.	
20. PLAYLIST	Sugestão de músicas feministas, fala sobre funk sem machismo	Outros
21. FEMINISMOS	Apresenta um histórico do movimento, as gerações de feminismo, ressalta alguns termos que oprimem as mulheres.	Gênero, machismo
22. ELE NÃO	Reprodução de postagens de seus seguidores durante as manifestações contra o Bolsonaro.	Política
23. SAÚDE MENTAL	Fala sobre transtornos de ansiedade, depressão e suicídio durante a campanha setembro amarelo.	Outros
24. POLÍTICA	Argumenta que todas as nossas relações, inclusive o feminismo, são formas de política. Disponibiliza os vídeos da Jout Jout sobre política através da ferramenta arraste para cima, para ilustrar a	Política

	conversa com os seguidores.	
25. SEXUALIDADE	Fala sobre métodos contraceptivos, depilação e higiene, tira dúvidas sobre sexo dos seguidores.	Empoderamento, pressão estética
26. CAVALHEIRISMO	Realiza uma crítica ao termo “cavalheirismo”. Afirma que existe ligação ao machismo. Apresenta um boxe para que os seguidores tirem dúvidas. Afirma que este termo sustenta o que diz a sociedade patriarcal, que mulheres são inferiores do que os homens, psicologicamente, fisicamente, economicamente. Por fim, compartilha relatos de seguidores.	Machismo, patriarcado
27. 29 DE AGOSTO	Dia nacional da visibilidade lésbica. Aborda pautas LGBT's, lesbofobia, estupro corretivo, entre outras. Apresenta e comenta relatos dos seguidores.	LGBT
28. BATE PAPO	Stories por meio dos quais conversa com seus seguidores sobre machismo no dia a dia. Aborda expressões machistas e relações familiares.	Machismo
29. LINKS	Apresenta links para	Outros

	as suas redes sociais.	
30. 25 DE JULHO	Dia nacional da mulher negra latino-americana e caribenha. Aborda questões ligadas ao feminismo negro, realiza uma homenagem a mulheres negras da nossa história. Mostra que a comemoração existe em decorrência de uma lei sancionada por Dilma. Apresenta questões ligadas ao feminicídio (pela perspectiva da mulher negra), violência sob um panorama geral, violência obstétrica e o SUS, e questões ligadas ao racismo.	Feminismo negro
31. PATRIARCADO	Apresenta uma explicação e uma definição sobre patriarcado. Fala sobre política, machismo e direitos trabalhistas e moralismo, sob a ótica do feminismo.	Patriarcado, machismo, gênero
32. PRESSÃO ESTUDOS	Fala sobre a pressão que existe na sociedade para que jovens concluam estudos e tenham um diploma. Apresenta o seu relato, já que a dona do perfil não possui curso superior.	Empoderamento

**Apêndice 2 – Tabela com principais dados abordados pelos destaques do perfil @petit\_oiseauu**

<p>@PETIT_OISSEAUU (Jéssica Miranda)</p>	<p>ASSUNTO ABORDADO</p>	<p>CATEGORIAS</p>
<p>DESTAQUES</p>		
<p>1. EGO</p>	<p>Fala sobre educação do ego, organização, estudos, disciplina, educar emoções, meditação</p>	<p>Filosofia</p>
<p>2. CONSERVADORISMO</p>	<p>Apresenta Ayn Rand e a filosofia conservadora, crítica filosofia conservadora, temos que crescer para receber o novo, algo que se conserva ao longo dos anos (instituições, modelos políticos sociais e econômicos) são autodestrutivos, precisamos incluir o novo, pensar num novo modelo político econômico social, catástrofe ambiental, racionalidade, análise de letras do Raul seixas.</p>	<p>Política, filosofia</p>
<p>3. LUCIANO HUCK</p>	<p>Analisa a possibilidade</p>	<p>Política,</p>

	<p>do Huck ser candidato nas próximas eleições, bem como seu discurso liberal, e apresenta uma crítica enquanto feminista radical: afirma que nem tudo que reluz é ouro, que o Luciano está surfando na onda esquerda progressista, critica a página Quebrando o Tabu, cita que até o feminismo virou nicho de mercado, liberais se apropriam do movimento, reduzem pautas identitárias a nicho de mercado, crítica do feminismo radical ao liberal: a conquista de alguns direitos não é suficiente para acabar com as desigualdades políticas, econômicas, sexuais, econômicas e sociais, machismo, racismo, homofobia e lesbofobia estão relacionados a lógica do capital, sexualidade (lógica da família e sua essencialidade para manutenção do capitalismo), lógica do capital onde a mulher fica em casa parindo mão de obra para a sociedade (mercado: mulheres assassinadas/ crítica a produtos que são criados para defender direitos das mulheres).</p>	<p>feminismo radical</p>
<p>4. RECEITAS VEGANS</p>	<p>Ideias de receitas sem carne e produtos de</p>	<p>Outros</p>

	origem animal.	
5. AUTISMO	Aborda questões ligadas a saúde mental da mulher e gênero; fala sobre asperger, distúrbio de comportamento. Critica que muitos estudos são feitos em homens e por isso as características das mulheres são ignoradas, interação social, bullying, diagnóstico, dica de estudo sobre o distúrbio em mulheres	Machismo
6. O REI LEÃO	Realiza uma análise filosófica, aborda Platão e cita a obra "Hamlet"	Filosofia
7. TABATA E AP	Critica a deputada Tabata, critica o renova, raps, grupos de interesse, reforma da previdência, esquerda x direita, democracia liberal, sociedade burguesa	Política
8. ALIENAÇÃO PARENTAL	Apresenta um abaixo assinado contra a PLS 498/2018; apresenta a luta contra a pedofilia, questões ligadas a maternidade, luta contra o incesto, crítica ao Bolsonaro, fala sobre socialização feminina e masculina	Política, machismo, feminismo radical
9. VOTO	Comportamento do eleitor, abordagem sociológica, racional, usa argumentos de Platão e Sócrates, crítica à direita e ao conceito de cidadão de	Filosofia, relacionamento, política

	bem; fala sobre marketing político, crítica ao moro. Compara política com relacionamento abusivo.	
10. CULTURA DE ESTUPRO	Fala sobre relacionamento, poder, dominação, violência, liberdade sexual da mulher, opressão, liberdade, papel de gênero, pornografia, afirma que mulheres devem focar no próprio desenvolvimento e nos seus sonhos.	Cultura de estupro, gênero, patriarcado
11. CRITICAR	Realiza um incentivo para que seus seguidores aprendam a pensar, fala sobre filosofia, argumenta segundo Sócrates. Aborda o medo que temos de questionar: exemplifica com o feminismo radical, pois algumas mulheres tem medo de serem criticadas por seus posicionamentos.	Filosofia, feminismo radical
12. MITOLOGIA GRÉCIA	Realiza uma breve explicação sobre mitologia abordando Eros, psique, Afrodite, Platão e a importância da filosofia.	Filosofia
13. GRÉCIA 2	Stories com uma viagem da Jéssica pela Grécia, traz explicações filosóficas e históricas do país, também fala sobre o papel da mulher (print), comentários sobre Bolsonaro,	Filosofia, empoderamento, política

	(criticas), apresenta algumas dicas de viagem.	
14. GRECIA 1	Stories de sua viagem à Grécia. Fala sobre deuses, arquétipos e emoções, filosofia. Também cita questões ligadas a direita x esquerda e pensamentos de Freud.	Filosofia e política
15. COACH DE RELACIONAMENTO	Apresenta experiências pessoais em relacionamentos, esses stories funcionam como conselhos amorosos.	Relacionamento
16. DESAFIO ESTOICO	Apresenta o desafio estoico, o qual deveria ser feito em 30 dias. Realiza as propostas e respectivas explicações.	Outros
17. CONFERÊNCIA	Apresenta informações sobre o evento que a ativista promoveu no Brasil, por meio do qual ministrou palestras e rodas de conversa.	Outros
18. FERIDAS	Fala sobre medo, fragilidade, equilíbrio e capacidade. Usa pensamentos de Sócrates (fala sobre a maiêutica). Em essência, fala de feridas emocionais por meio de uma análise filosófica.	Filosofia e empoderamento
19. MOBILIZAÇÃO	Fala sobre participação política, manifestações, apresenta um histórico, cita o MST, mobilizações sociais, direita x esquerda, apresenta argumentos	Política,

	para justificar o motivo pelo qual pessoas se mobilizam. Traz argumentos de Darcy Ribeiro.	
20. VIOLÊNCIA	Aborda questões de ideologia de gênero, ideia de dominação, lógica do gênero, dominação masculina. Apresenta-se como abolicionista do gênero, defende o fim do estereótipo. Aborda que a sociologia política tem ferramentas para explicar a violência. Aborda temas ligados a crise existencial, modernidade, socialização masculina, masculinidade tóxica, estigmas, preconceitos por grupos, cor, classe, gênero. Afirma que as desigualdades produzem indivíduos rejeitados e fala sobre conflitos de classe. Traz argumentos de Adorno sobre o fascismo e cita Paulo freire.	Gênero, machismo, patriarcado, feminismo radical
21. RELACIONAMENTO	Fala sobre amor, solidão, amor platônico, projeção, fim de relacionamento, liberdade e autonomia da mulher no relacionamento.	Relacionamento
22. RACISMO	Comenta as mortes de negros no Brasil após os “80 tiros”, episódio em que uma família negra foi fuzilada no Rio de Janeiro, aborda estigma	Racismo

	e estereótipos.	
23. AMOR	Mesmo conteúdo disponibilizado no destaque “RELACIONAMENTO”.	Relacionamento
24. FEMINISMO	Relato falando que o abandono afetivo do pai a fez feminista radical, abusos, justiça para mulheres no Brasil, agressão a mulher, sororidade, ensinamentos do feminismo radical, sociedade patriarcal, socialização feminina,	Feminismo radical, empoderamento
25. COACH DE RELAÇÃO	Crítica a um homem que se diz um coach de relacionamento que empodera mulheres. Ele culpa a mulher pelo fracasso do relacionamento. Jéssica ressalta o verdadeiro papel da mulher nestes stories, afirma que não é de agradar homens, prega a independência feminina, o fim da socialização feminina, aborda questões ligadas a sexualidade da mulher. Afirma que relacionamento não é sinônimo de sucesso, e aborda a lógica do patriarcado e a conquista masculina (os fatores que tornam este evento social).	Relacionamento, patriarcado, machismo
26. FEMINISMO RADICAL	Esclarece alguns conceitos discutidos pelo feminismo radical: cisgeneridade é	Feminismo radical, política, gênero, machismo

	<p>machista e misógeno. Desmistifica o termo, que normalmente é associado a pessoas confortáveis com o gênero designado ao seu sexo (exemplifica, inclusive, com os seguidores do Bolsonaro, que normalmente apresentam-se confortáveis com o seu gênero) e a pessoas confortáveis com os seus sexos biológicos. Em sua explicação aborda questões relacionadas a transtorno de imagem e a transfobia. Fala sobre as pautas do feminismo radical, que visam “libertar” o corpo feminino, fala de combate à pedofilia, humanização das mães (espaço social para as mães participarem ativamente da vida social, política e pública), combate a objetificação dos corpos femininos, educação igualitaria de meninos e meninas, abolição de gênero, poder, controle e posse dos corpos femininos. Fala sobre o combate ao patriarcado e a dominação de homens sobre mulheres. Comenta dúvidas de seguidores e disponibiliza textos para complementar sua</p>	
--	---	--

	análise. Analisa a questão da masculinidade sob a ótica do atentado de Suzano.	
27.MULHERES	Apresenta aos seguidores 11 mulheres históricas que mudaram sua vida: Rose Marie Muraro (intelectual brasileira), Heleith Saffioti (socióloga feminista brasileira), Audre Lorde (feminista radical norte-americana), Helena Hirata (socióloga brasileira), Gail Dines (socióloga e feminista radical norte americana), Andrea Dworkin (feminista radical norte americana), Chimamanda Ngozi (escritora feminista nigeriana), Alexandra Kollontai (teórica marxista russa), Simone Weil (filósofa francesa), Simone de Beauvoir (filósofa francesa), Marguerite Porète (filósofa medieval)	Feminismo radical
28.BUTLER	Faz uma breve abordagem sobre relações ligadas ao estruturalismo e ao pós-estruturalismo, conceitua cada um, exemplifica e apresenta críticas. Apresenta o conceito de gênero da Butler de maneira resumida: “o gênero é a reprodução e	Política, gênero, feminismo radical, patriarcado, empoderamento

	<p>performances de comportamentos e signos (roupas, acessórios voz).          Apresenta uma crítica política ao conceito de gênero proposto por Butler. Critica governos conservadores, como o do Bolsonaro, que querem manter tudo como está.</p>	
29.DRIVE E LIVROS	Ferramenta arraste para cima para acessar o drive com livros e pdf's.	Outros
30.CAPITALISMO	Aborda uma breve explicação sobre como a pobreza é importante para o capitalismo na ótica de Karl Marx	Política
31.ESQUERDA	Compartilha um tweet do deputado David Miranda para realizar uma crítica à esquerda brasileira. Fala sobre pautas que são de esquerda, como por exemplo, as que tem sua natureza numa estrutura social hierárquica e violenta, construídas por valores conservadores da ótica capitalista, mas que o deputado aborda como "humanitárias"	Política
32.PRODUTO CASEIRO	Receitas de produtos caseiros de limpeza que são veganos	Outros
33.PATRIARCADO	A partir de uma notícia sobre um projeto de lei do deputado Marcio Labre, que pretendia vetar anticoncepcionais	Patriarcado, feminismo radical, gênero

	no Brasil são discutidas questões do feminismo radical, como capitalismo, patriarcado, pobreza, sexualidade e gênero (explica o que é). Indica a série <i>Handmaid Tale</i>	
34.MORTE	Percepções filosóficas sobre o medo da morte. Fala sobre procrastinação.	Filosofia
35.DISCIPLINA 2	Fala sobre síndrome de impostora e ansiedade. Apresenta métodos de organização e fala sobre disciplina e otimização de tempo.	Outros, empoderamento
36.FRANÇA	Faz um breve histórico sobre como sua vida acadêmica na França iniciou	Outros
37.MEDO	Fala de uma perspectiva filosófica do medo e da angústia, aborda pessoas controladoras e a indecisão. Cita Shakespeare e Hamlet.	Filosofia
38.IMPOSTORA	Fala sobre mulheres que se diminuem pois tem o sentimento de que não são boas o suficiente. Aborda a educação da mulher na sociedade e fala sobre máscara da perfeição, que leva a mulher a desenvolver a síndrome de impostora: mulheres incríveis se diminuem o tempo todo. Apresenta um vídeo da Jout Jout para ilustrar.	Empoderamento

39.MEIO AMBIENTE	Aborda questões ligadas a sociologia ambiental após o rompimento das barragens da Vale em Minas. Fala sobre sociedade industrial, produção de lixo, pobreza, desenvolvimento sustentável entre outros. Cita argumentos de Edgar Morin.	Política
40.LIBERDADE	Fala sobre meritocracia e noções de democracia liberal. Cita Foucault para criticar o liberalismo. Também cita Boudieu e problematiza conceitos de liberdade de expressão, liberdade sexual e especismo. Critica a relativização do feminismo no modelo liberal: para Jéssica o direito a levantar pautas não é garantia de eficácia do feminismo.	Política, filosofia
41.DISCIPLINA	Fala sobre sua rotina e atividades que realiza de maneira disciplinada todos os dias. Obviamente que seus comportamentos estão ligados a pratica do estoicismo.	Filosofia
42.CHÁ	Dicas de misturas para fazer chás	Outros
43.BIRD BOX	Realiza uma análise filosófica de Bird Box (filme do Netflix)	Filosofia
44.POLÍTICA	Fala sobre alianças políticas entre rivais por meio de uma teoria de Bordieu. Aborda a	Política

	política como um campo de poder, faz uma metáfora com o jogo de xadrez. Critica a democracia liberal.	
45.LIVROS links de livros em pdf	Stories para indicar livros que considera pertinente. Livros politizados, de sociologia, filosofia e feministas. Compartilha o drive.	Outros
46.ESQUERDA	Critica a esquerda com base num vídeo que foi altamente compartilhado, onde crianças reproduzem ideologias de gênero. Aborda conceitos de socialização e gênero.	Política, gênero, patriarcado
47.GÊNERO	Explica conceitos de gênero, cisgeneridade. Usa a sua infância, adolescência e vida profissional para exemplificar questões de gênero. Ressalta o instagram como um espaço de romper com a socialização feminina que diz que mulher só deve gostar de fazer compras e maquiagem, por exemplo.	Feminismo radical, gênero, patriarcado, empoderamento
48.ÉTICA	Aborda questões éticas e filosóficas, partindo do exemplo da história da Anne Frank. Explica diferenças entre pessoa moralista x pessoa que leva uma vida moral. Explica o imperativo categórico de Kant. Cita também Mattieu Ricard	Filosofia, feminismo radical, cultura de estupro

	e sua crítica aos bons discursos que mascaram intenções (liberdade de expressão sendo usada para a manutenção da indústria pornográfica). Também aborda a estrutura dialética de Marx.	
49.CADERNO MEDITAÇÕES	Da dicas para os seguidores que desejam criar um caderno de meditações.	Outros
50.DESAFIO 2	Desafio estoico proposto aos seus seguidores, para fomentar auto-conhecimento.	Outros
51.SABER	Análise filosófica sobre sabedoria e conhecimento	Filosofia
52.CONCEITOS	Apresenta conceitos sobre o estoicismo. Fala de feminismo radical e sobre abusos que a mulher sofre na sociedade sob a perspectiva estoica. Apresenta questão da cultura de estupro, pornografia e pedofilia.	Filosofia, feminismo radical, cultura de estupro, patriarcado
53.ESTOICISMO 2	Aborda uma introdução ao estoicismo em uma conversa com um amigo Frances. Ele comenta diversas questões e explica sua relação com o estoicismo. O ponto alto é a relação entre política e estoicismo.	Filosofia
54.SEXO	Fala sobre sexo através da perspectiva do estoicismo. Critica relações de poder e	Empoderamento, feminismo radical

	dominação, que são paixões movidas pelo ego. Cita Balman e a modernidade líquida. Fala de feminismo radical por meio de uma crítica a indústria pornográfica.	
55.ESTOICISMO	Explica que ganhou muitos seguidores após divulgação de Mirelle (@13anosdepois) e faz uma breve apresentação de seu Instagram ao público. Apresenta sua formação e faz uma breve introdução ao estoicismo. Fala de maternidade, relacionamento, questões sociais, entre outros.	Filosofia, maternidade, outros
56.DESAFIO	Calendário do desafio: "21 dias sem checar as redes sociais ao acordar"	Outros
57.PEDOFILIA	Aborda cultura de estupro, pedofilia, socialização feminina, pornografia, baixa auto-estima da mulher e pressão estética pelo corpo ideal, que ocorre desde cedo entre as mulheres.	Cultura de estupro, feminismo radical, política, pressão estética
58.DOM QUIXOTE	Interpretação filosófica de Dom Quixote. Faz uma análise dos personagens e de suas representações. Aborda o Dom Quixote como uma forma de exercício da dignidade.	Filosofia

59.DIGNIDADE	Aborda a dignidade no pensamento filosófico , ou seja, a postura que assumimos perante nós mesmos. Nossos propósitos e metas enquanto membros da sociedade.	Filosofia
60.LIBERALISMO	Aborda que o liberalismo é anti-ético e irracional. Fala de consumo, mercado liberal, desigualdades sociais. Apresenta o conceito de super-homem de Nietzsche	Política
61.O BEM PARTE 2	Perspectiva filosófica da prática do bem, aborda questões sobre desigualdade social, fala sobre o justo, o belo e o bom. Cita Platão e critica Bolsonaro (afirma que não existe virtude filosófica em seu discurso e ideal de bem em seu governo).	Filosofia, política
62.O BEM	Fala sobre a ação e o Bem segundo Aristóteles.	Filosofia
63.BOLSOMINION	Realiza crítica aos seguidores de Bolsonaro (refere-se de maneira pejorativa como “Bolsominios”)	Política
64.FEMINILIDADE	Reflexão sobre estética, aparência, imagem e corpo. Compara a imagem da mulher no Brasil e na Europa, fala que sua vivencia na Europa ajudou mudar o modo enxerga sua imagem, necessidade	Empoderamento, pressão estética

	do feminismo, pressão estética	
65.BANALIDADE	Cita que Hannah Arendt escreveu o livro sobre a banalidade do mal, onde argumenta que se as pessoas tivessem conhecimento da gravidade dos fatos históricos, eles não iriam se repetir. A partir dessa tese, aborda a volta de circulação de ideias nazistas e fascistas na sociedade atualmente.	Política
66.MADRID	Registros da viagem	Outros
67.MARROCOS	Registros da viagem, há críticas e uma breve análise sobre o papel da mulher na sociedade do Marrocos	Outros, política, empoderamento
68.PORTUGAL	Registros da sua viagem.	Outros
69.ANÁLISE PEQUENO PRÍNCIPE	Realiza análise filosófica da obra. Apresenta metáforas e simbologias. Cita Platão e o budismo.	Filosofia

**Apêndice 3 – Tabela com principais dados abordados pelos destaques do perfil @afemme1**

<p>@AFEMME1 (Triscila Oliveira)</p>	<p>ASSUNTO ABORDADO</p>	<p>CATEGORIAS</p>
<p>DESTAQUES</p>		
<p>CARANDIRU</p>	<p>Fala do massacre do Carandiru e critica o sistema prisional brasileiro. Crítica ao corporativismo militar proposto por Bolsonaro</p>	<p>Política, racismo, outros</p>
<p>AMAZÔNIA</p>	<p>Explica a questão do desmatamento da Amazônia durante o governo Bolsonaro. Aborda questões como o corte de verbas da ciência, desmatamento, ministério da agricultura, fiscalização, entre outros.</p>	<p>Política</p>
<p>PALMITAGEM</p>	<p>Explica que é um termo usado para caracterizar pessoas negras que escolhem se relacionar com pessoas brancas. Exemplifica com casais famosos. Aborda questões sociais ligadas ao privilégio de gênero (homem) e de cor (mulher branca) dentro deste relacionamento.</p>	<p>Feminismo negro, empoderamento, relacionamento, LGBT</p>

	<p>Traz questões de feminilidade e opressão de gênero. Cita Simone de Beauvoir e Bell Hooks. Exemplifica com os principais personagens da Disney, que desde sempre são brancos. Aborda o racismo e cita a luta LGBT das pessoas negras.</p>	
MASCULINIDADE	<p>Consequências da masculinidade que é imposta aos homens. Aborda conceito e consequências, como o maior número de violência ser cometida por homens, manutenção da opressão (reforçando comportamentos homofóbicos, transfóbicos e misógenos), entre outros. Apresenta possíveis formas de combate.</p>	Machismo, cultura de estupro
COLORISMO	<p>Fala desse desdobramento do racismo que prega que mulheres que não tem tanta pigmentação na pele, acabam se aproximando do padrão eurocêntrico e não recebe estereótipos negativos, torna-se mais bem aceita na sociedade. Ex.: Tais Araújo. Objetivo é manter padrões eurocêtricos inabaláveis. Aponta</p>	Pressão estética, feminismo negro, racismo

	efeitos do colorismo, representatividade, padrões estéticos para mulheres negras e indústria da beleza.	
MACHADO DE ASSIS	Fala do braqueamento como um projeto político. Aborda o embranquecimento da nossa história	Política, racismo, outros
ACHISMO	Fala em racismo, feminismo negro e lutas negras com base em dados. Critica argumentos que são vazios e que não possuem embasamento algum.	Feminismo negro
BLACK FACE	Explica a origem do Black Face em espetáculos teatrais racistas nos EUA. Fala sobre como pessoas brancas ridicularizavam os negros por meio do Black Face, aborda questões históricas como a segregação racial nos EUA. Cita a nega maluca no Brasil e a estética da mulher negra.	Política, racismo
OSCAR PRETO 2	Cobertura dos filmes com atores e diretores negros no Oscar. Aborda a questão da representatividade. Realiza análise de alguns filmes como Green Book, Infiltrado na Klan e Pantera Negra. Resistência da	Empoderamento

	população negra, luta contra o racismo.	
OSCAR NEGRO	Análise do figurino do filme Pantera Negra	Empoderamento
OSCAR 2019	Fala sobre a trajetória dos negros no Oscar e como demorou para ser conquistado o espaço que vimos no Oscar 2019. Tudo é questão de luta e resistência. A única mulher negra a ganhar um Oscar foi a Halle Barry, por A última Ceia, em 2007.	Empoderamento
HUMOR?	Fala sobre liberdade de expressão e piadas racistas. Compartilha um texto da Djamilia Ribeiro. Critica de pessoas que usam o humor para reforçar as estruturas de poder da sociedade.	Racismo
EXTRA	Manifestação contra o caso de assassinato de um menino negro dentro do supermercado Extra. Confronta os brancos por não lutarem. Fala de luta política contra o racismo. Apresenta estatísticas de jovens negros e mulheres negras mortas no Brasil. Cita que o índice de mortes de mulheres, em contrapartida, diminuíram. As mortes de negros foi institucionalizada pelo estado. Levanta a	Feminismo negro, racismo, política

	#vidasnegrasimportam.	
RACISMO VELADO	Questionário com possíveis práticas de racismo velado. Apresenta uma série de estereótipos sociais que as pessoas mantêm, reforçando práticas de racismo velado no cotidiano. Aborda questões de privilegio, poder e extermínio de jovens negros em favelas.	Racismo, política
PARDISMO	Fala de teorias racistas e de um plano eugenista para exterminar os negros do Brasil no momento pós abolição. Apresenta um panorama histórico com leis e políticas públicas brasileiras.	Racismo política
BLACK FISHING	Compartilhamento de um texto que Triscila Oliveira escreveu para o site de notícias "Alma Preta" sobre blackfishing, fenômeno semelhante a apropriação cultura. Prática impostora, por meio da qual uma pessoa branca utiliza elementos da cultura negra para se promover. É um fenômeno sócio-comportamental. Critica ao desrespeito que essa prática representa para mulheres negras. Fala sobre a luta da mulher negra por aceitação e	Feminismo negro, racismo, empoderamento

	auto-estima. Fala de pressão estética e padrões.	
SER NEGRO	<p>O que é ser negro?</p> <p>Critica a miscigenação no Brasil, que foi fruto de estupro de mulheres negras e indígenas para branquear a população. A nomenclatura parda foi criada para que os novos mestiços se identificassem, esquecendo e apagando a memória negra no país. Critica a nomenclatura pardo. Aborda dados e estatísticas de população negra no Brasil. Fala sobre lugar de fala entre a população negra (pessoas negras com pele mais clara existem um certo "privilegio" em relação a pessoas com a pele mais escura. Apresenta estudos étnicos e exemplos de negros da história.</p>	Feminismo negro, política, empoderamento
NAGÔ	Aborda a ancestralidade das tranças e o sequestro de identidade	Pressão estética, feminismo negro
COSPRETO	<p>Questiona a apropriação da estética negra como um acessório de moda por pessoas brancas. Aborda o racismo envolvido nessa prática, bem como auto-estima e pressão estética da mulher negra. Um</p>	Feminismo negro, pressão estética, empoderamento

	<p>desabafo sobre a questão estética do cabelo crespo e como é visto pela sociedade, que ainda se porta como racista. Fala de sua luta contra o racismo para se auto-afirmar e se sentir segura com a sua aparência.</p>	
BLACKFISHING	<p>Apropriação cultura, explica que influencers brancas estão se apropriando de características estéticas negras para aparecer na mídia. Fala que é um novo modo de fazer black face. Aborda relações de poder como forma de colonização da sociedade frente à culturas que são consideradas inferiores. A sociedade apropria-se de elementos considerados exóticos e os torna lucrativos. Esse tipo de prática colabora para o fortalecimento de estruturas racistas</p>	<p>Feminismo negro, pressão estética, empoderamento</p>
JESUS PRETO	<p>Replica stories de @amandhamoreira, onde aborda um breve histórico de Jesus Cristo, explicando sua origem africana, portanto seria negro. Cita referências bíblicas e questiona os padrões eurocêntricos que são reproduzidos até hoje. Ressalta que a</p>	<p>Racismo, outros</p>

	cultura africana é anterior ao cristianismo.	
BLACK SAVIOR	<p>Critica brancos que se apresentam como salvadores e protagonistas da história de negros (ex: brancos que tiram fotos com crianças negras em situação de vulnerabilidade). Deste modo, lembra da vasta geografia da África e de países que normalmente não são buscados por salvadores brancos. Isto posto, apresenta o trabalho de salvadores negros e fala sobre representatividade. Fala de jovens negros que trabalham de maneira voluntária para ajudar quem precisa na África, sem posar de salvador e demonstrar fragilidade dos povos africanos. Fala de representatividade.</p>	Racismo, outros
FEMMEDICA	<p>Stories realizados por @eta.nega (Ana Carolina Fernandes). Reflexões sobre a vida de universitária. Sobre carga de estudos e sobre a vida de alguém pobre na universidade, que não tem dinheiro para xerox, não tem computador e nem tempo para se dedicar aos estudos.</p>	Outros, política, empoderamento

WHITE SAVIOR	Explica que a ideia de salvador serve para perpetuar a ideia de que o ocidente pode salvar a África. Critica aos brancos que viajam à África para postar fotos com crianças negras, levando a impressão de que sua ajuda é a única forma de salvar a África. Apresenta uma cartilha sobre o que fazer ou não em uma viagem à África.	Racismo, outros
UMA AULA	Replica stories do escritor ale santos sobre história da escravidão e memória do povo negro.	Racismo, outros
RUBY BRIDGES	Stories de @amandhamoreira. Apresenta um histórico da primeira negra que estudou em uma escola branca no EUA após o fim da segregação racial. Fala sobre sua força e sua transformação em ativista. Apresenta também a história de outras meninas negras que não tiveram sorte e foram assassinadas. Fala sobre resistência, estudo e fortalecimento da causa negra e anti-racista. Fala sobre quebrar padrões e mudar paradigmas.	Feminismo negro, empoderamento, política
SOS MULHER	Apresenta um aplicativo criado para ajudar mulheres a se defenderem de possíveis	Cultura de estupro

	violências, funciona como uma espécie de rede de contatos para pedir socorro.	
FEMMEDESABAFO	Divulgação de uma hashtag por meio da qual divulga desabafos nas redes sociais, critica estruturas sociais e disponibiliza textos.	Empoderamento
FEMMEDICA6	Disponibiliza um Box para tirar dúvidas sobre sexo.	Empoderamento, pressão estética
VOVO AMIGO	Apresenta um projeto solidário que envolve a “adoção” temporária de um idoso.	Outros
O PARADOXO	Apresenta uma tirinha com base em Karl Popper sobre intolerância.	Outros
FEMMEDICA5	Disponibiliza um vídeo da Joice Berth, por meio da ferramenta arraste para cima, sobre responsabilidade afetiva.	Relacionamento
8 COISAS	Dicas genéricas de pedagogia para criação de meninas independentes.	Empoderamento,
FEMMEDICA4	Dica de um texto do escritor Lande Albuquerque.	Outros
FEMMEDICA3	Dicas de higiene íntima para mulheres	Empoderamento, pressão estética
MANUAL 6	Replica de stories da página @cuidadospelavida	Outros

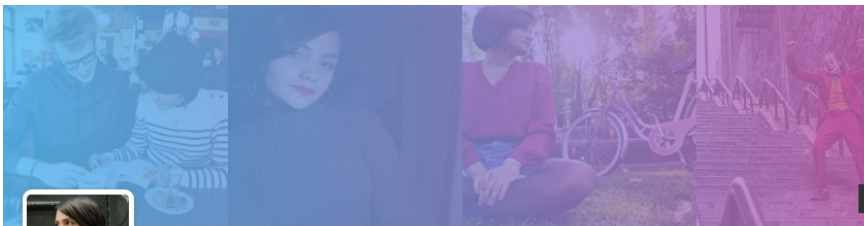
	sobre cuidados com quem tem depressão ou ansiedade.	
CRISTÃ FEMINISTA	Fala sobre a relação entre religião e a prática do feminismo. Demonstra que mulheres podem ser feministas e ao mesmo tempo cristãs, por exemplo. Cita que Jesus foi revolucionário e militante, de certo modo.	Religião
MANUAL 5	Réplica de stories do perfil @a_maesolo sobre anatomia e sexualidade feminina	Empoderamento
TEXTO NO DE OITO	Compartilha o texto da Joice Berth sobre as dinâmicas da sub-opressão. Fala que este fenômeno é fruto do sistema machista e racista em que vivemos, que precisa de oprimidos para naturalizar suas ideias. Fala sobre como esse tipo de prática visa a manutenção das estruturas sociais. Fala sobre a diferença na situação de homens e mulheres, brancas e pretas. Questiona sobre mulheres brancas que não se sensibilizam com as pautas do feminismo negro e que contribuem para a manutenção de certas estruturas sociais, como por exemplo, mantendo empregadas	Machismo, feminismo negro

	domésticas negras.	
ONGS BRASIL	Apresenta uma lista de ONGs para trabalhos voluntários no Brasil.	Outros
MANUAL 4	Mais um compartilhamento de um texto do escritor Landê Albuquerque	Outros
50 TONS DE ANOS 20	Sátira do filme 50 tons de cinza, falando sobre machismo e criticando comportamentos feminismo que eram naturalizados na década de 1920.	Feminismo negro, machismo
CONSENTIMENTO	Replica stories do perfil @thinkolga sobre consentimento e cultura de estupro	Cultura de estupro
CASTRAÇÃO	Replica os stories do perfil @mulheres.historicas sobre castração química.	Cultura de estupro
MANUNAL 3	Aborda questões ligadas a relacionamentos abusivos, sinais e comportamentos.	Relacionamento
FLORES DESCULPAS	Apresenta e compartilha relatos dos seguidores sobre relacionamentos abusivos.	Relacionamento
MANUAL 2	Um breve manual sobre como ter boa auto-estima	Empoderamento
THE NEW YORKER	Texto do The New Yorker com a seguinte temática: por que fatos não mudam nossa	Outros

	opinião?	
MANUAL 1	Manual e dicas sobre como detectar um relacionamento abusivo: fala de ciúmes, desprezo, manipulação, posse, poder, relações ligadas ao machismo.	Relacionamento, machismo,
PÓS EU DISSE NÃO	Manual do perfil @eudissenao sobre como se comportar no pós relacionamento abusivo.	Relacionamento
PRECONCEITO LINGUISTICO	Fala sobre regionalismos e sobre o preconceito com a língua no Brasil. Dicas de empatia para compreender as diferenças do regionalismo no Brasil. Realiza uma crítica aos privilégios da elite.	Política, outros
FEMME LIVRO	Link no arraste para cima de um drive com livros.	Outros
BBRANDAOPSICO	Compartilha alguns stories sobre doenças como depressão, boderline, ansiedade, entre outras doenças ligadas a mente.	Outros
FRASES MACHISTAS	Apresenta frases que são machistas.	Machismo
FEMMEDICA2	Mais um texto de landê Albuquerque	Outros
COTIDIANO	Compartilha uma tirinha sobre carga mental, principalmente no cotidiano da	Maternidade

	maternidade.	
FEMMEDICA1	Compartilha tirinhas do @eumoletom com dicas para quem tem crises de ansiedade ou depressão.	Outros
MANAS	Destaques onde seguidores do perfil se oferecem para conversar e ouvir desabaços de outras seguidoras. Momento de sororidade.	Empoderamento
VOCABULÁRIO	Compartilha termos e palavras que são racistas (mulato, denegrir...)	Outros, racismo
OS EMBUSTES	Replica texto do escritor Landê Albuquerque sobre homens embustes.	Machismo
TEXTO CAROLINE	Relatos de uma mulher branca, escritora, onde reconhece seus privilégios sociais e apresenta como a vida a levou para o viés da esquerda. Apresenta pautas como direito das minorias, feminismo, racismo, entre outras, como pautas de esquerda.	Feminismo negro
LEIAM POR FAVOR	Disponibiliza um texto sobre a morte da vereadora Marielle Franco pode meio da ferramenta arraste para cima.	Feminismo negro
HÁ	Tirinha feminista	Empoderamento

## Anexo 1 - Prints do site Social Blade com as taxas de engajamento dos perfis da Jéssica Miranda, Dara Medeiros e Triscila Oliveira:




**Jéssica Miranda** @petit\_oiseauu

MEDIA UPLOADS: 949 | FOLLOWERS: 54,465 | FOLLOWING: 926 | ENGAGEMENT RATE: 6.92% | AVG LIKES: 3,601.88 | AVG COMMENTS: 166.76

User Summary | Detailed Statistics | Historical Data | Legacy

<b>B-</b> TOTAL GRADE	<b>484,604th</b> FOLLOWERS RANK	<b>3,885,464th</b> FOLLOWING RANK	<b>2,163,368th</b> ENGAGEMENT RANK	<b>1,373,631st</b> MEDIA RANK
--------------------------	------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	----------------------------------

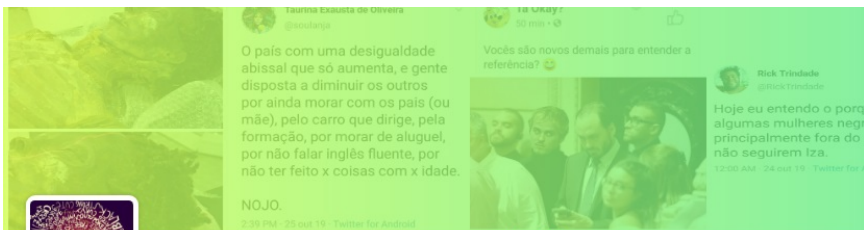


**Política com Dara Medeiros** @mulheres.historicas

MEDIA UPLOADS: 1,784 | FOLLOWERS: 330,576 | FOLLOWING: 503 | ENGAGEMENT RATE: 2.29% | AVG LIKES: 7,348.96 | AVG COMMENTS: 228.72

User Summary | Detailed Statistics

<b>B</b> TOTAL GRADE	<b>61,893rd</b> FOLLOWERS RANK	<b>5,725,243rd</b> FOLLOWING RANK	<b>5,531,991st</b> ENGAGEMENT RANK	<b>628,385th</b> MEDIA RANK
-------------------------	-----------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	--------------------------------




**Vamos aprender a desaprender?** @afemme1

MEDIA UPLOADS: 9,029 | FOLLOWERS: 129,844 | FOLLOWING: 191 | ENGAGEMENT RATE: 4.82% | AVG LIKES: 6,135.88 | AVG COMMENTS: 116.44

User Summary | Detailed Statistics | Historical Data | Legacy

<b>B</b> TOTAL GRADE	<b>186,930th</b> FOLLOWERS RANK	<b>7,618,957th</b> FOLLOWING RANK	<b>3,059,375th</b> ENGAGEMENT RANK	<b>38,167th</b> MEDIA RANK
-------------------------	------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	-------------------------------

## Anexo 2 - Prints do site Social Blade com as taxas de engajamento dos perfis da Anitta, Talíria Petrone e Neymar.



**Anitta** @anitta

MEDIA UPLOADS: 3,966 | FOLLOWERS: 41,838,897 | FOLLOWING: 1,940 | ENGAGEMENT RATE: 1.53% | AVG LIKES: 631,725.00 | AVG COMMENTS: 9,349.56

User Summary | Detailed Statistics | Historical Data | Legacy

<b>A+</b> TOTAL GRADE	<b>39th</b> FOLLOWERS RANK	<b>2,103,870th</b> FOLLOWING RANK	<b>5,935,007th</b> ENGAGEMENT RANK	<b>175,266th</b> MEDIA RANK
--------------------------	-------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	--------------------------------

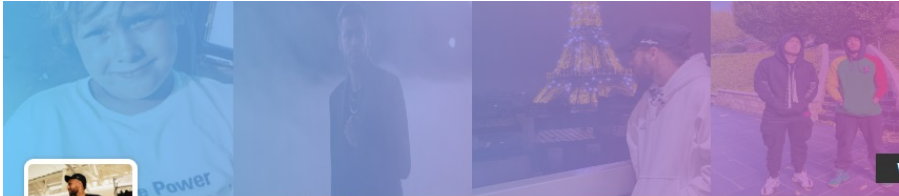


**Talíria Petrone** @taliriapetrone

MEDIA UPLOADS: 1,796 | FOLLOWERS: 214,635 | FOLLOWING: 5,037 | ENGAGEMENT RATE: 1.39% | AVG LIKES: 2,908.96 | AVG COMMENTS: 66.04

User Summary | Detailed Statistics | Historical Data | Legacy

<b>B</b> TOTAL GRADE	<b>103,688th</b> FOLLOWERS RANK	<b>715,142nd</b> FOLLOWING RANK	<b>6,263,197th</b> ENGAGEMENT RANK	<b>620,908th</b> MEDIA RANK
-------------------------	------------------------------------	------------------------------------	---------------------------------------	--------------------------------



**3n310ta** @neymarjr

MEDIA UPLOADS: 4,562 | FOLLOWERS: 127,760,821 | FOLLOWING: 1,083 | ENGAGEMENT RATE: 1.47% | AVG LIKES: 1,883,820.00 | AVG COMMENTS: 27.84

User Summary | Detailed Statistics | Historical Data | Legacy

<b>A++</b> TOTAL GRADE	<b>8th</b> FOLLOWERS RANK	<b>3,358,550th</b> FOLLOWING RANK	<b>5,955,434th</b> ENGAGEMENT RANK	<b>136,905th</b> MEDIA RANK
---------------------------	------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	--------------------------------